

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS

Sérgio Augusto Miranda do Vale

AGROECOLOGIA:

**ANÁLISE SOCIOAMBIENTAL SOBRE A EXPERIÊNCIA DO CENTRO
DE VIVÊNCIA AGROECOLÓGICA -CEVAE/COQUEIROS**

Belo Horizonte

2017

Sérgio Augusto Miranda do Vale

AGROECOLOGIA:

**ANÁLISE SOCIOAMBIENTAL SOBRE A EXPERIÊNCIA DO CENTRO
DE VIVÊNCIA AGROECOLÓGICA -CEVAE/COQUEIROS**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada como requisito parcial para aprovação final e obtenção do título de bacharel em Ciências Socioambientais.

Orientador: Emanuel Henrique Gonçalves Querino.

Belo Horizonte

2017

Sérgio Augusto Miranda do Vale

AGROECOLOGIA:

**ANÁLISE SOCIOAMBIENTAL SOBRE A EXPERIÊNCIA DO CENTRO
DE VIVÊNCIA AGROECOLÓGICA -CEVAE/COQUEIROS**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada como requisito parcial para aprovação final e obtenção do título de bacharel em Ciências Socioambientais.

Orientador: Emanuel Henrique
Gonçalves Quirino

Ciências Socioambientais.

Data da defesa: 05/12/2017

Resultado:

BANCA EXAMINADORA

Emanuel Henrique Gonçalves Querino

Raquel Zanatta Coutinho

AGRADECIMENTOS

Gostaria de registrar meu agradecimento às pessoas que me ajudaram na trajetória da minha graduação, aquelas que se dedicaram a mim e me possibilitaram lograr todo o êxito que possuo. Em especial, dedico afetuoso e eterno agradecimento aos meus pais, responsáveis por todos os meus feitos. Os primeiros estímulos e impulsos para a realização de meus estudos partiram deles. Agradeço por me encorajarem na luta contra meus medos e anseios. Agradeço especialmente, por confiarem e acreditarem que eu chegaria ao fim desta tarefa. Agradeço aos meus professores por despertarem meu interesse sobre o assunto e enriquecerem meus conhecimentos. Eternamente grato, por minha irmã Alice, minha prima Camila e sua filha Carolina, pela ajuda e compreensão nos momentos que mais precisei. Eternamente grato aos meus amigos de classe especialmente Adília, Thiago Diniz, Thiago Abílio e Grazielle que me acolheram durante esses cinco anos que passamos juntos. Agradeço ainda, a meus amigos e amigas de minha infância e adolescência. Meus amigos Carlos, Marina, Matheus, Filipe, Yan, Caio e Vinicius. Vocês fazem parte desta construção. Agradeço aos meus orientadores e amigos Raquel Zanatta e Emanuel Querino por se disporem com tanta gentileza e boa vontade para orientar-me nessa minha travessia acadêmica. Agradeço a confiança que sempre demonstraram comigo, especialmente, a sinceridade e honestidade que foram sempre presentes nesta nossa caminhada. Um agradecimento especial a todos os professores da graduação: Andréa Zhouri, Klemens Lachefski, Elisângela Santos, Ely Bergo, Alisson Barbieri, Regina Horta, Leo Heler, pelos ensinamentos e oportunidade de reelaboração das ideias. E ainda, um agradecimento, também especial, aos meus outros professores e professoras da minha trajetória estudantil, sem os quais não poderia ter chegado até a conclusão da graduação. Agradeço também à ONG Proteger, especialmente a Eric e Mariana pela forma como fui acolhido e bem recebido na entidade. Agradeço imensamente a Graça e todos os outros frequentadores do CEVAE Coqueiros pela boa vontade com que me concederam as entrevistas. Agradecimentos de igual forma, aos atuais e/ou ex-funcionários da PMBH, pela colaboração com entrevistas. Com um especial carinho

agradeço aos “meninos” e “meninas” do bairro Coqueiros pela acolhida neste percurso, concedendo entrevistas em prolongadas horas de conversas, com as portas abertas de suas casas e de suas generosidades. Para além desta pesquisa acadêmica, meu reconhecimento pelos ensinamentos de luta e de esperança na construção de uma sociedade mais justa.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Localização dos CEVAEs na cidade de Belo Horizonte	11
Ilustração 2 - Mapa de localização do CEVAE no bairro Coqueiros.....	25
Ilustração 3 - Imagem da Horta no Bairro Coqueiros.....	32
Ilustração 4 - Gráfico de idade	35
Ilustração 5 - Gráfico "Já ouviu em desenvolvimento sustentável?"	36
Ilustração 6 - Gráfico "Acredita que o CEVAE contribui para a agroecologia?"	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEVAE - Centro de Vivência Agroecológica

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia Estatística

ONG - Organização não-governamental

PDDI - Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado

PMBH - Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

REDE - Organização Não Governamental Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	14
3 AGROECOLOGIA: DEFINIÇÕES E CONCEITOS.....	18
4 AGROECOLOGIA: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	20
5 O LOCUS ESPACIAL DA PESQUISA	24
6 CONTEXTUALIZAÇÃO POLÍTICA DO CEVAE COQUEIROS	26
7 COMO ACONTECE A PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA NO CEVAE COQUEIROS	28
8 DISCUSSÃO E REFLEXÃO CRÍTICA A RESPEITO DOS DADOS EMPÍRICOS DE CAMPO	33
8.1 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.....	35
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
11 ANEXO.....	44
11.1 anexo 1: Roteiro utilizados para entrevistas.....	43
11.2 anexo 2: Entrevistas Transcritas.....	46

RESUMO

Esta pesquisa objetivou estudar a experiência do Centro de Vivência Agroecológica CEVAE/Coqueiros, (programa idealizado e desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte em parceria com a Organização Não Governamental Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas (REDE) e comunidades de baixa renda da periferia de Belo Horizonte), para verificar se o projeto contribui para promover os princípios da agroecologia. Para desenvolver esta pesquisa, adotou-se a metodologia qualitativa embasada em observações participantes e entrevistas semi-estruturadas, com diversos indivíduos/agentes sociais envolvidos na experiência do CEVAE. Essa escolha surgiu da necessidade de verificar se o projeto cumpre com seus objetivos e princípios. Para isso, utilizou-se a revisão da bibliografia sobre o tema para abranger e situar a trajetória percorrida pelo CEVAE para se compreender de forma mais aprofundada como a agroecologia urbana vem participando da construção de uma cidade mais ecologicamente viável e socialmente justa. Todos os entraves e obstáculos enfrentados pelo CEVAE bem como todos os estímulos ao programa foram analisados e avaliados para se verificar a viabilidade do projeto e se formular políticas para superar as dificuldades enfrentadas pela agroecologia urbana. Para alcançar os objetivos propostos utilizou-se o diálogo com os agentes sociais envolvidos com a agroecologia urbana, mais especificamente com o CEVAE Coqueiros, ou seja, todos os indivíduos/agentes sociais são partícipes da agroecologia urbana e possuem vasta vivência no tema. Desta forma, esta pesquisa se debruçou sobre a temática da agroecologia urbana em Belo Horizonte, mais especificamente no bairro Coqueiros (região Noroeste) baseando-se não somente em pesquisas acadêmicas como também em experiências e conhecimentos populares que poderão auxiliar e formular políticas públicas orientadas à agroecologia urbana.

ABSTRACT

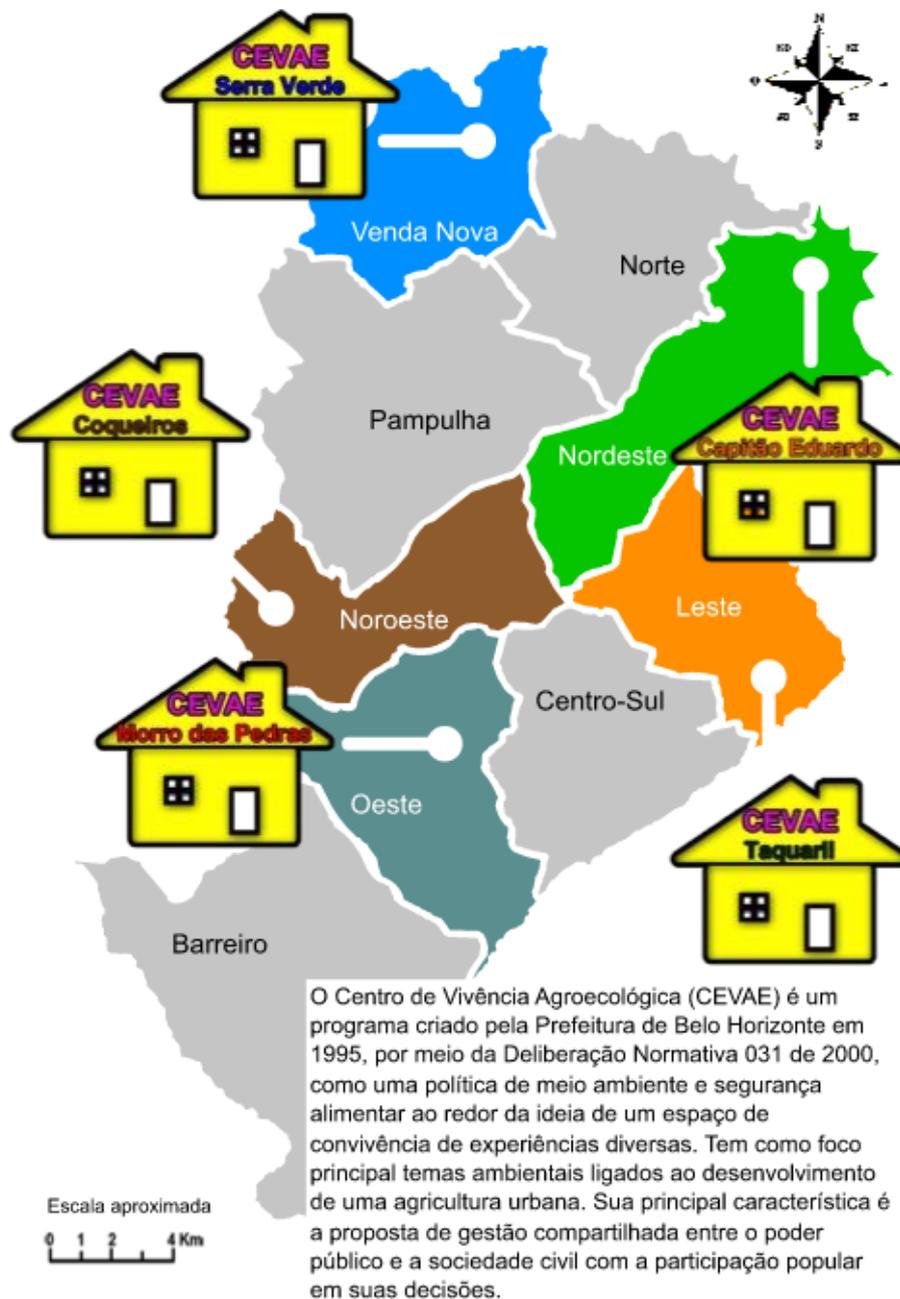
This research aimed to study the experience of the CEVAE / Coqueiros Agroecological Experience Center (a program conceived and developed by the Municipal Government of Belo Horizonte in partnership with the Non - Governmental Network for Alternative Technologies Exchange (REDE) and impoverished communities in the outskirts of Belo Horizonte) to verify if the project contributes to promote the principles of agroecology. In order to develop this research, we adopted the qualitative methodology based on participant observations and semi-structured interviews, with several individuals / social agents involved in the CEVAE experience. This choice arose from the need to verify whether the project meets its objectives and principles. For this, a review of the bibliography on the subject was used to understand and situate the trajectory traversed by CEVAE. After analyzing all the speeches, reviewing the bibliography, observing the different subjects, observing different situations and interviewing companions, teachers and friends, it was concluded that the Coqueiros Agroecological Experience Center, even if in a timid manner, complies with the principles of Agroecology and really contributes to the construction of a more just, democratic society with a better quality of life.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a preocupação com a desigualdade social e a crescente degradação ambiental causada pelo ser humano vêm atraindo a atenção de pesquisadores e estudiosos que apontam para a necessidade de se criar meios de produção de alimentos mais sustentáveis. Neste sentido, discute-se a formulação de políticas públicas para se combater a insegurança alimentar através da adoção de preços justos para produtos aliada ao desenvolvimento de países pobres e incentivo à economia solidária. Ou seja, almeja-se a denominada “sustentabilidade”. Neste sentido, no ano de 1995 criou-se os Centros de Vivência Agroecológica, que se constituem numa iniciativa da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PMBH) em parceria com a Organização Não Governamental Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas (REDE) e moradores locais. Esta iniciativa origina-se no âmbito das Secretarias Municipais de Abastecimento e Segurança Alimentar e de Meio Ambiente, no ano de 1993.

Ilustração 1 - Localização dos CEVAEs na cidade de Belo Horizonte

Centro de Vivência Agroecológica - CEVAE



Fonte: PBH. Disponível em: http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pldPic=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=fundacaoparque&lang=pt_BR&pg=5521&tax=8264

A região onde se localiza o CEVAE Coqueiros encontra-se em situação de pobreza onde a população utiliza de meios alternativos de produção de base agroecológica como forma de fonte de renda e alimentação. Por isso, analisou-se os espaços públicos (CEVAEs) para se compreender melhor de que forma as políticas públicas podem evitar uma maior crise ambiental futura e apontar o caminho para mudança de comportamento. Portanto, este trabalho contribuiu para a produção de conhecimento científico no campo da agroecologia para se despertar o interesse do público no desenvolvimento de agroecossistemas sustentáveis. Segundo Altieri (2006) a agroecologia objetiva estudar, desenhar e manejar agroecossistemas sustentáveis para que sejam simultaneamente produtivos, preservem seus recursos naturais, sejam coerentes com seu contexto cultural, socialmente justos e economicamente viáveis. Para o autor, a agroecologia teria a função de combater o uso de insumos químicos (agrotóxicos), incentivar a agricultura familiar, melhorar a distribuição da terra e renda, combater a insegurança alimentar e a pobreza. Ainda segundo Altieri (2006), na realidade socioeconômica latino-americana, a agricultura familiar deve seguir os princípios da agroecologia para melhorar a situação agrícola da região:

- Reduzir a pobreza - Conservar e recuperar a base de recursos naturais (solo, água, biodiversidade, etc.).
- Promover a segurança e a soberania alimentar em nível local e regional.
- Empoderar as comunidades rurais para que participem e decidam sobre os processos de desenvolvimento.
- Criar alianças institucionais que facilitem os processos participativos e de auto-gestão do desenvolvimento, a partir das comunidades.
- Estabelecer políticas públicas (agrícolas e agrárias) que favoreçam o desenvolvimento sustentável, assim como os mercados locais e regionais.” (ALTIERI, 2006, p. 5).

Além disso, o estudo contribuiu para intensificar o diálogo do conhecimento acadêmico com saberes populares auxiliando a produção de políticas públicas.

Posso afirmar que para realizar este trabalho, tive o grande desafio de deixar minha zona de conforto para me integrar àquele contexto tão distante do meu ambiente privilegiado. A cada visita, cada trabalho de campo, as experiências de vida somavam cada vez mais conhecimentos, aumentavam cada vez mais o desconforto e a inconformidade com as condições precárias e injustas da realidade vivenciada pela população menos favorecida. Muitos caminhos foram trilhados até que escolhesse o CEVAE/Coqueiros como objeto de pesquisa a ser desenvolvida no

trabalho de conclusão de curso. Caminho que foi trilhado para se compreender os desafios enfrentados pela agroecologia no contexto urbano da cidade de Belo Horizonte. Foi a partir daqui que se deu meu primeiro contato com as “questões ambientais” do ponto de vista prático. Neste sentido, a oportunidade de realizar o trabalho de conclusão de curso com ênfase no CEVAE/Coqueiros surge como uma forma de aproximar a academia da realidade social da população brasileira. Sentia-se falta de experiências práticas, sair da imersão teórica para realizar a pesquisa abordando a temática ambiental, mais especificamente, a agroecologia, através do estudo de experiências com comunidades carentes. A princípio pensou-se que o estudo da agroecologia no CEVAE/Coqueiros seria um tanto quanto desafiador, uma vez que as fontes bibliográficas apresentam-se bastante escassas. Ainda assim, objetivou-se também, compreender quais as relações e implicações dessa prática na realidade socioambiental vivida pela população.

A partir desses questionamentos, levantou-se a seguinte hipótese inicial: O Programa Centro de Vivência Agroecológica do Coqueiros proporciona o desenvolvimento da agroecologia de acordo com seus princípios? Neste sentido, o objetivo geral do trabalho foi sistematizar e analisar a experiência em agroecologia do CEVAE Coqueiros, a partir da revisão bibliográfica, das entrevistas realizadas junto aos moradores e técnicos da prefeitura. Utilizou-se o diálogo entre as mais diversas vertentes do conhecimento (ciências sociais, geografia, ciências biológicas, ciências econômicas) e o modelo participativo que inclui agricultores familiares, como agentes da construção do conhecimento para se construir o alicerce para formulação de políticas públicas.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

Realizou-se as entrevistas utilizando o método de entrevista aberta, formulando um roteiro semiestruturado (anexo), com tópicos voltados para a acessibilidade e a análise da importância dos CEVAEs e dos elementos estruturais de caráter imaterial (discussão de políticas públicas, etc.), observando e refletindo nestes elementos, o sentido de inclusão segundo os princípios da agroecologia, que não somente traduz na inserção do sujeito no espaço social, mas na construção de um sujeito mais encorajado e com sentimento de pertencimento ao meio social, procurando eliminar a inacessibilidade, o sentimento de inferiorização presente nos próprios agricultores. A metodologia implica igualmente problematizar a pobreza, demarcando este universo. Também foram abordados vários outros assuntos relativos ao dia-a-dia de cada entrevistado. Conforme o diálogo fluía, os assuntos eram abordados, sem uma ordem exata. Explicou-se a cada entrevistado nosso método, argumentando que este lhes proporciona mais liberdade para falar, desenvolvendo um roteiro diferente, mais específico para cada grupo, conforme as informações surgiam e remetiam a um campo específico de dúvidas: Assim, os roteiros verteram em diferentes direções de discussão, ou seja, um para agricultores que frequentam os CEVAEs, outro para os que trabalham na prefeitura.

Foram entrevistadas dezessete pessoas entre os dias 02/09/2017 e 18/09/2017, entre elas, dezesseis agricultores que frequentam o CEVAE Coqueiros e uma funcionária da prefeitura. O trabalho distribuiu-se nas mais variadas tarefas, realizando a organização das diversas atividades, como a leitura e releitura de alguns artigos referentes à metodologia de pesquisa, publicações referentes ao universo da agroecologia, leitura da legislação acerca dos direitos e deveres vigentes acerca da agricultura urbana, busca de informantes e mediação, no intuito de produzir as entrevistas e as visitas ao CEVAE. Todos os dezessete entrevistados fazem parte do universo estudado: relatando as dificuldades de acessibilidade dos pequenos agricultores. A primeira entrevistada foi Joana, funcionária da prefeitura. Joana foi a informante inicial para a pesquisa no processo de contato com os agricultores e suas demandas diárias. O segundo entrevistado foi José Henrique Oliveira, o seu Zé, outro agricultor familiar. Seu Zé, como nos foi apresentado e

tratado durante toda a entrevista, em seu relato tratou um pouco de sua história pessoal, bem como de sua prática com a Agroecologia no CEVAE.

Os outros quinze entrevistados são: Valéria Gonçalves, Luiza Moreira, Júlio Passos, Karla Lima, Sara Ferreira, Fernanda Lúcia, Letícia Santos, Laura Gonçalves, Yara Aparecida, Luiz Alberto, Rafael Santos, Margarida Fernandes, Márcos Silva, Luciana Tavares e Mariana Oliveira. Todos os dezessete entrevistados frequentam o CEVAE há mais de 5 anos.

Os nomes mencionados são pseudônimos, todos os entrevistados demonstraram, e até mesmo afirmaram, ser importante falar sobre as suas demandas em relação à agricultura, tanto na cidade de Belo Horizonte, quanto mais ainda, no CEVAE.

As entrevistas foram transcritas a partir do áudio gravado e analisadas com o objetivo de avaliar a forma como acontece a agroecologia nos CEVAEs. O estudo da parte jurídica, leis e aplicação destas, não se tornou foco do trabalho, mas sim, as percepções dos entrevistados quanto ao tema reveladas em seus relatos. Todos os entrevistados não ficaram presos somente ao tema agroecologia, falaram de variados obstáculos enfrentados no cotidiano, como a questão da agricultura familiar inclusiva, legislação que prevê os seus direitos, tecnologia como parceira na inclusão, entre tantos outros assuntos que serão abordados no tópico “Análise das entrevistas” no decorrer deste trabalho.

Com relação à quantidade de pessoas entrevistadas considerada suficiente e representativa em pesquisa qualitativa, Vagner Gonçalves da Silva (2006) observa acerca da observação participativa:

Aspectos mais quantitativos da investigação, como a quantidade de pessoas consideradas 'adequadas' para a observação e sua análise. Observar todas as atividades das pessoas do grupo estudado é um dos objetivos da observação participante. Em sociedades ou grupos de pequena escala, esse objetivo pode, muitas vezes, ser atingido; não apenas porque a densidade populacional é menor, como também a sociedade se estrutura a partir de contextos mais facilmente observáveis. Nas pesquisas em sociedades urbanas, devido à heterogeneidade e variação com que os indivíduos participam de diferentes universos de significação e à alta densidade demográfica dessas populações, a observação participante e a coleta de informação são atividades relativamente mais complexas em termos de definição de quantas e quais as pessoas com quem estabelecer contato, quais os contextos mais adequados para essa observação etc. Assim, embora as lições de metodologia nos orientem a coletar depoimentos representativos do maior número possível dos segmentos sociais que compõem as sociedades ou grupos observados, nem sempre isso é possível. A experiência mostra que o próprio campo condiciona o que observar e a quem. (SILVA, 2006, p. 39)

Quando o grupo estudado é de alta densidade populacional, torna-se, então, importante selecionar informantes e sujeitos que possam fornecer informações representativas do grupo estudado, como no caso deste trabalho. O que se intentou foi construir uma imagem que retratasse a situação da agroecologia urbana quanto aos problemas e dificuldades de acesso aos bens e serviços através do relato (que poderia ser ainda mais aprofundado, e que conta como uma das deficiências da pesquisa) das histórias de vida.

No referencial da sociologia compreensiva, o método da história de vida, ao querer interpretar os relatos antes de medi-los, passa a ser um estudo dos processos sociais a partir da consciência subjetiva do ator social, mas uma consciência importa salientar, cujas bases não são individuais (...) (PEREIRA, 1991, p. 113).

Os relatos gravados e transcritos podem, assim, revelar muito acerca da luta (social e política) pela ampliação da agroecologia. Logo, percebendo que os agricultores, como indivíduos de pesquisa, também são constituídos de toda uma heterogeneidade social estruturada correspondente a sua história de vida, foi preciso alimentar nossa compreensão através do simples ato de ouvir os sujeitos pesquisados, refletindo acerca de seu modo de ser e comportar, na análise de algumas falas constantemente recorridas e alguns pontos em especial, marcados conjuntamente por um sentimento, um comportamento singular, expresso junto às suas argumentações. Por exemplo, Vanessa, uma de nossas entrevistadas, demonstra este sentimento, ao atribuir o que significou o CEVAE: “Eu acho que o mais difícil será sair daqui.” (Fala de Fernanda, em entrevista, no dia 03/09/2017, no Bairro Coqueiros). Esta foi sua afirmação ao longo e no final de sua resposta, quando replicava sobre a atuação do CEVAE na sua formação, o quanto a havia preparado para a vida.

Neste processo, o juízo de valor e comportamental expresso por parte dos pesquisados, também é fonte empírica que procede como informação complementar que atribua maiores detalhes neste trabalho. O próprio pesquisador enquadra-se como objeto de indagação no universo de discussão que envolve a agroecologia. Conseguir interpretar o universo dos agricultores urbanos, trazer a fala do sujeito, ainda abstrato na nossa percepção, para nosso mundo perceptível, sensível ao mero toque de confirmação, mesmo que minimamente, necessita, igualmente, assimilar um pouco do mundo dos sujeitos pesquisados, neste caso, do universo

dos agricultores, procurando ter um pouco de apuração de nossa sensibilidade, dando atenção a meros detalhes pelo qual nunca fez parte de nosso universo de dúvidas. Por exemplo, procurando mensurar a dificuldade dos agricultores em acessar os bens e serviços. Perceber estes detalhes, igualmente faz parte do universo do pesquisador, sendo que o diálogo com os agricultores ou mesmo com aqueles envolvidos no mundo destes, como agentes da prefeitura ou familiares, sobre tais experiências, produzem confirmações ou não, sobre as experiências vividas, produzem novos dados que possibilitem aprofundar não somente no universo do pesquisado, mas inclusive na relação entre o pesquisado e o pesquisador, entre o preconceito e a realidade mais objetiva do sujeito pesquisado. Logo, a pesquisa participante transcende e avança do universo do escutar, para um universo onde é sentido um pouco da realidade do sujeito pesquisado, neste caso, o agricultor urbano.

3 AGROECOLOGIA: DEFINIÇÕES E CONCEITOS

De acordo com Caporal et al (2009) poucas pessoas são capazes de definir a agroecologia. A agroecologia não é um sistema de cultivo e não é uma prática agrícola como muitos pensam, é uma ciência em construção ou um paradigma emergente, como muitos autores costumam definir. Costabeber afirma que a agroecologia é um paradigma emergente porque é uma ciência que ainda está em construção, ainda está sendo estruturada e há muitos desafios para a agroecologia resolver mas é uma alternativa, é um caminho novo para solucionar os problemas da agricultura no mundo. Muitos se perguntam qual a diferença entre agroecologia e agricultura orgânica. Agricultura orgânica é uma prática agrícola diferente da agroecologia que é uma ciência, ou seja, a agricultura orgânica é um sistema de cultivo que não utiliza agrotóxicos, pesticidas ou outras substâncias que venham ajudar no crescimento das plantas e que visa a busca pela sustentabilidade utilizando técnicas de manejo que são favoráveis a preservação e conservação dos bens naturais.

Ainda segundo o autor, a agroecologia é um paradigma emergente que busca compreender profundamente os conceitos e processos que ocorrem nos ecossistemas através da transdisciplinaridade e usando como suporte vários campos teóricos e metodológicos de diversos conhecimentos científicos e populares para construir novos estilos de agricultura sustentáveis.

Definições de autores mais consagrados no tema:

Uma nova abordagem para o gerenciamento de recursos naturais para adaptá-los de forma específica para as condições de manuais de plantio, típicas dos agricultores com recursos limitados. A agroecologia fornece a base científica para abordar a produção por um agroecossistema de biodiversidade capaz de patrocinar seu próprio funcionamento. Os avanços na pesquisa agroecológica são revisados para melhor definir elementos de uma agenda de pesquisa em gestão de recursos naturais que seja compatível com as necessidades e aspirações dos camponeses. Obviamente, uma configuração relevante da agenda de pesquisa deve envolver a participação plena dos agricultores com outras instituições que atinjam um papel facilitador. A implementação da agenda também implicará grandes mudanças institucionais e políticas. (ALTIERI, 2002, p.1)

A agroecologia combina forças para estudar e ajudar a resolver os problemas que enfrentam os sistemas de produção de alimentos. Fora disso, o campo da agroecologia começou a se formar. Mas, à medida que o campo se forma, almeja-se a produção de pesquisas que poderiam ser melhor aplicadas para garantir a obtenção de resultados ecologicamente

significativos e aplicáveis na agricultura. Mais do que obter uma compreensão do que faz uma função do agroecossistema, a agroecologia é bem mais uma aplicação desse conhecimento para resolver os problemas diários enfrentados pelos agricultores de todo o mundo. A agroecologia é uma estrutura teórica voltada para a compreensão dos processos agrícolas da maneira mais ampla. A abordagem agroecológica considera os sistemas agrícolas como unidades fundamentais de estudo e, nesses sistemas, os ciclos minerais, as transformações de energia, os processos biológicos e as relações socioeconômicas são analisados como um todo. (GLIESSMAN, 1990, p.3)

4 AGROECOLOGIA: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Segundo Worster (2003), para se entender o que é a agroecologia é preciso saber o seu histórico e de onde ela surgiu. Para começar, define-se a agroecologia como uma nova abordagem da agricultura que integra diversos aspectos agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos nas técnicas de produção de alimento. Neste sentido, a produção orgânica de alimentos teve início na primeira guerra mundial quando na Europa começou a se preocupar com a qualidade do alimento que a população ingeria. Os motivos para a produção ativa tiveram início na Inglaterra com a produção orgânica, período em que se estava procurando uma forma de produzir organicamente sem agredir o solo nem o meio ambiente. Com a segunda guerra mundial, a agricultura sofreu uma nova mudança uma vez que o conhecimento humano proporcionou o desenvolvimento das celas químicas industriais. Logo depois dessa fase, com o crescente aumento populacional surgiram os adubos sintéticos e agrotóxicos seguidos posteriormente de sementes melhoradas geneticamente. Nessa fase, houve a intensa mecanização do campo que provocou uma intensa degradação ambiental. Essa mecanização da agricultura passou a ser conhecida como revolução verde, sistema de cultivo agrícola que negava as leis naturais. Nesse contexto, surgiu em todas as partes do mundo o movimento que visava resgatar os princípios naturais, a exemplo da agricultura natural do Japão, a agricultura relativa na França e a agricultura biológica dos Estados Unidos, além das formas que já existiam que eram a agricultura biológica e biodinâmica. Esses vários movimentos que tinham princípios semelhantes passaram a ser conhecidos e se expandiram devido à necessidade de uma visão mais sustentável entre a área de produção e preservação em oposição à necessidade de produção rápida em grande escala. E esse sistema de produção agrícola convencional que utiliza agrotóxicos e fertilizantes químicos, após a conferência da eco no Rio de Janeiro foi considerado insustentável. Necessitava-se de novas diretrizes e atividades humanas compiladas na agenda com o objetivo de desenvolver a agricultura com o menor impacto. A ECO foi uma conferência das nações unidas para o meio ambiente que aconteceu no rio de janeiro em 1992, o objetivo dessa eco era pensar e trocar ideias sobre maneiras de se conciliar o desenvolvimento da sociedade e da economia com a conservação dos ecossistemas

do planeta. A agenda ecológica surgiu durante a eco e tinha o objetivo de explicar quais são os fins dessa agenda e como ela pode modificar os paradigmas industriais dos países a fim de que se pratique o desenvolvimento sustentável e detenha-se a degradação do planeta ocasionada pelo capitalismo. As metas a se alcançar são a utilização de materiais reciclados que substituirão combustíveis por energias alternativas e reflorestamento das áreas desmatadas.

Conforme Assis (2002) para se entender um pouco da história da agricultura e porque é preciso lutar por um modelo de desenvolvimento baseado na agroecologia, precisa-se primeiramente entender e analisar a história da agricultura. A agricultura do Brasil teve início há milhares de anos quando foi desenvolvida pelos habitantes originais dessa terra (diversas etnias indígenas que aqui viviam) que devolveram uma forma de cultivar uma grande diversidade de plantas nativas que complementavam as atividades de caça e coleta de frutos. Com a chegada dos portugueses esse conhecimento se mistura com os dos brancos europeus e dos negros africanos que aqui foram escravizados, mas muitos desses saberes que os índios tinham sobre as plantas foram com eles terminados. Pode-se perceber que a maioria de nossa alimentação é composta por produtos de origem externa como arroz, feijão, trigo, a maioria das verduras, legumes além de café e açúcar. Ainda segundo Assis (2002) antigamente havia mais gente no campo, mais jovens trabalhavam na roça e tinham seu cultivo. Todos os nutrientes das plantas e substâncias utilizadas para combater as pragas e doenças eram naturais. Também naquela época existia uma grande diversidade de sementes de feijão. A colheita do plantio era sempre motivo de festa e o povo era mais unido, estavam juntos e trocavam os produtos. Porém, nas últimas décadas, a agricultura sofreu grandes transformações com a chamada “revolução verde”. Para se entender melhor essa data, é preciso lembrar que nas décadas anteriores o mundo estava vivendo a segunda grande guerra. Durante os anos de conflito foram desenvolvidos diversos produtos químicos e maquinários com o objetivo de matar pessoas. Após a guerra, com o falso discurso de que era preciso aumentar a produção para combater a fome no mundo as tecnologias que eram usadas para matar pessoas na guerra deram origem aos maquinários e produtos químicos que hoje são usados na agricultura. Para citar um exemplo, a mesma tecnologia dos tanques de guerra deu origem aos tratores de esteira e o mesmo agente laranja, substância utilizada na guerra do Vietnam para destruir florestas e assim descobrir os soldados escondidos debaixo

das árvores deu origem ao glifosato, veneno usado para matar as plantas daninhas das lavouras. Por isso, é preciso esclarecer que a fome no mundo não é causada pela falta de produção, mas sim pelo modelo de distribuição de alimentos que existe no mundo. Desperdiça-se por ano muitas toneladas de alimentos que seriam suficientes para alimentar mais que o dobro da população mundial. Desperdiça-se alimento porque no mundo o dinheiro vale mais que o ser humano, o mercado prefere que os alimentos se percam nas prateleiras para manter os preços do que garantir alimentação de quem tem fome. Mesmo a revolução verde tendo aumentado a produção, ainda hoje, grande parte da população brasileira tem alimentação insuficiente. Na prática, a revolução verde incentivou a ampliação dos latifúndios, o plantio de monocultura em grandes extensões de área, o plantio em manufatura em uma grande área cultivada com o uso intensivo de máquinas, o uso massivo de veneno e adubos químicos e o uso de variedades modificadas. Este modelo de produção provocou a drástica diminuição no uso de variedades de sementes naturais não modificadas em laboratório. As sementes transgênicas deram origem à agricultura de energia que passou a se chamar agricultura de agronegócio por ter como principal objetivo não produzir alimentos e sim produzir dinheiro. Esse pacote tecnológico como gostam de chamar aumentou a produtividade das culturas isoladas, mas além de não acabar com a fome do mundo gerou a concentração de terras, expulsando o homem e a mulher do campo, aumentando os problemas da cidade, gerando a degradação da terra com perda da fertilidade e contaminação das águas. Houve também, a diminuição da diversidade de produtos produzidos e, com isso, a extinção de diversas variedades de sementes antigas. Contudo, os agricultores ficaram dependentes de comprar as sementes em lojas especializadas, porém alguns não deixaram isso acontecer e voltaram a fazer como os antigos faziam, passando a aproveitar o que as pesquisas na agricultura trazem de bom e esse movimento que busca implantar de forma natural sem prejudicar a natureza sem usar insumos químicos, utilizando somente sementes antigas crioulas se chama agroecologia, forma de produzir alimentos sem degradar o meio ambiente, método sempre realizado pelos seres humanos nos primórdios dos tempos. No meio científico, nas universidades e institutos federais por exemplo, a agroecologia teve sua origem em grupos que compreendiam um mal que essas tecnologias do agronegócio traziam para o campo brasileiro. Portanto, esses grupos se uniram sob a bandeira de agricultura alternativa que posteriormente passou a ser

conhecida como agroecologia. A agroecologia combina saberes científicos com conhecimentos populares e luta social. Tem, por fim, melhorar a qualidade de vida dos camponeses e camponesas contribuindo para diminuir os impactos sociais e ambientais. A atividade agroecológica parte do princípio que camponeses são integrados a natureza com autonomia para expressarem seus saberes.

Desta forma, segundo Brandenburg (2002), espera-se que a agricultura seja uma atividade que une o ser humano à natureza, um cuidando do outro vivendo sempre em harmonia, um lugar onde a grande sabedoria do povo é posta em prática semeando a vida e a diversidade. Seria perfeito se toda a agricultura do Brasil fosse assim, mas infelizmente a maior parte da produção agrícola do nosso país tem como base a agricultura que coloca o lucro acima do bem estar do ser humano onde poucas pessoas são donas de grandes extensões de terra e produzem poucas culturas, onde o homem do campo é explorado e muitas vezes escravizado, onde a natureza é contaminada com o veneno e as sementes transgênicas modificadas em laboratório. Porém, esse modelo de agricultura se esgotou. Por isso, a agroecologia surge como uma maneira de produzir alimentos de forma a respeitar a natureza e os saberes locais, uma vez que consegue produzir de forma saudável e em quantidade satisfatória. Esta realidade demonstra que é possível se produzir alimento de qualidade respeitando o meio ambiente. Com a agroecologia todos ganham, quem produz e quem compra, seja no campo ou na cidade, todos e todas tem acesso a alimentos saudáveis e sem agrotóxicos.

5 O LOCUS ESPACIAL DA PESQUISA

“...a região era quase inabitada e aos poucos foi-se ocupando o terreno com pessoas oriundas de vários locais.”¹

O propósito deste capítulo é fazer uma breve contextualização da região onde se situa o bairro Coqueiros, região noroeste de Belo Horizonte. Segundo, informações contidas no site da Prefeitura, em um espaço privilegiado, o CEVAE Coqueiros planeja, acompanha e analisa as demandas das várias instituições municipais com as quais divide sua área, procurando cumprir os fundamentos, os objetivos e as diretrizes gerais do Programa CEVAE. Sua função é sensibilizar e capacitar a comunidade e representantes de instituições que atuam no local, formando uma rede de troca de experiências e realizações conjuntas para a melhoria ambiental. Configura-se numa área suburbana de Belo Horizonte, conforme pode ser verificado na figura 2.*

1

Fala de Wesley, morador da Região do Coqueiros, em entrevista para esta pesquisa.

* Fonte: Informações retiradas do site da prefeitura. Disponível em: http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pldPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=fundacaoparque&tax=22866&lang=pt_BR&pg=5521&taxp=0&. Consultado em 22/04/2017.

Ilustração 2 - Mapa de localização do CEVAE no bairro Coqueiros

Localização CEVAE - Coqueiros . Belo Horizonte, MG



6 CONTEXTUALIZAÇÃO POLÍTICA DO CEVAE COQUEIROS

O Centro de Vivência Agroecológica do Bairro Coqueiros é uma iniciativa coordenada e executada pela prefeitura de Belo Horizonte na região Noroeste da capital em parceria com a Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas (REDE) e moradores locais. A ideia surgiu através do movimento agroecológico que vem sendo apontado como uma alternativa ao modelo de agricultura convencional caracterizada pela chamada revolução verde. Desta forma, a iniciativa que criou o CEVAE propõe alternativas concretas de organização, produção, processamento e comercialização baseada numa nova ética compreendida enquanto valores e princípios de respeito ao ambiente de solidariedade, cooperação, respeito às diferenças, resgate da cultura local, valorização dos seres humanos e a vida. Esta visão de agricultura traz consigo uma proposta de desenvolvimento sustentável através dos princípios da agroecologia e almeja consolidar o processo de evolução e consolidação de alternativas desenvolvidas ao longo dos anos agregadas às entidades de agricultores familiares e instituições de assessoria como as ONGs, organizações de consumidores para acesso aos alimentos agroecológicos e pessoas comprometidas com o desenvolvimento da agroecologia, tendo como premissa constituir um espaço de articulação entre estes públicos atuando de forma descentralizada, organizada e funcional. Os membros dos CEVAEs são todos de uma região com características semelhantes que facilita a troca de informações e participação usando a metodologia da rede ecovida consagrada na legislação brasileira. O sistema participativo do CEVAE Coqueiro conta com núcleos regionais abrangendo em torno de 30 famílias e congrega aproximadamente grupos organizacionais, ONGs e bens cooperativas de acesso aos produtos agroecológicos em toda a sua área de atuação. Além de fortalecer a rede de agroecologia e agricultura familiar, o CEVAE teve como principais objetivos fortalecer os grupos predominantes de mulheres para promover um processo que articule gênero a agroecologia e educação popular na busca de superar a subordinação que historicamente as mulheres e agricultores familiares foram submetidos desencadeando novas possibilidades de renda e emancipação e, conseqüentemente, a elevação da qualidade de vida das famílias agricultoras. O projeto foi baseado em alguns nichos estratégicos como assessoria em gênero e agroecologia realizadas em forma de rodízio em toda a unidade produtiva onde

metade do período destinasse para a formação teórica em agroecologia assim como para dialogar sobre questões pertinentes ao processo organizacional dos grupos e do núcleo de agricultura urbana e planejamentos da produção associados ao processo de comercialização, atividades práticas e orientações técnicas visando se adequar às normas de produção agroecológica construindo o conhecimento em agroecologia de forma participativa. Além disso, o projeto objetiva a certificação da produção orgânica através da assessoria técnica baseada em metodologias participativas baseadas em uma série de procedimentos desenvolvidos dentro de cada núcleo regional onde a rede a troca de experiências é composta por participantes de cada grupo responsáveis pela verificação da implantação das normas de certificação conforme a lei. (BARBOSA, 2002).

7 COMO ACONTECE A PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA NO CEVAE COQUEIROS

“...Não, nunca fiz uso de insumos químicos. Toda a técnica de plantação que uso foi apreendida de forma tradicional com meus pais e com a minha família.”²

A produção no CEVAE Coqueiros é um processo totalmente orgânico onde as normas são discutidas através de um processo formativo que envolve a troca dos diferentes saberes e certificação participativa que além de garantir a qualidade do produto ecológico permite o respeito e a valorização da cultura local através da aproximação de agricultores e agricultoras às pessoas que se alimentam dos produtos agroecológicos. Há a construção de uma rede que congrega iniciativas de diferentes regiões. O CEVAE participa das visitas realizadas pelo conselho de ética dos grupos que avaliam e realizam o parecer de conformidade orgânica das unidades produtivas em Belo Horizonte. Outra medida muito importante realizada pelo CEVAE foi a implementação do fundo de doação que consiste em recursos financeiros destinados para aquisição de materiais e equipamentos que contribuem para a melhoria dos projetos produtivos dos agricultores. O aprimoramento agrícola visa garantir a oferta de determinados alimentos para o abastecimento das famílias e comercialização do excedente.

A grande maioria dos agricultores do CEVAE Coqueiros apostou na aquisição de túneis autos, um tipo de estufa que garante a produção de forma protegida. Entre os equipamentos usados na produção se destacam equipamentos para processamento de alimentos, telas para cercar os quintais, adubos orgânicos, sementes e equipamentos diversos variando entre enxadas, carrinhos de mão, regador, caixas d'água e mangueira para irrigação.

² Fala de Edilene, agricultora do CEVAE Coqueiros, em entrevista para esta pesquisa.

Outros equipamentos muito utilizados são as máquinas de costura para aprimorar os trabalhos manuais além de sementes para adubação verde em áreas de conversação propícias para o cultivo agroecológico. A doação de mudas com a finalidade de incrementar os cultivos através dos sistemas agroecológicos em especial para os quintais agroecológicos possibilitou a reforma do viveiro de produção de mudas assim como sua ampliação para a produção e a adoção de mil mudas florestais que além de estimular as práticas de sistemas agroecológicos também participam da recuperação de áreas de preservação permanente e reserva legal nas unidades produtivas, contribuindo desta forma para recuperação da vegetação nativa, especificamente mata atlântica e cerrado. A troca de conhecimentos entre os membros do CEVAE Coqueiros é uma prática bastante recorrente, por isso, com o intuito de aprender uns com os outros, foram realizados intercâmbios com os donatários. O primeiro foi a participação na festa nacional das sementes crioulas, o segundo foi a visita dos agricultores e agricultoras do núcleo de agroecologia da cidade de Belo Horizonte para conhecer a experiência da produção de hortaliças e estratégias de comercialização. Já o terceiro intercâmbio aconteceu com a participação no encontro ampliado da rede ecovida em Belo Horizonte. A comercialização dos produtos agroecológicos e os processos de comercialização desenvolvidos no CEVAE são diversos, mas em sua maioria buscam mercados de cadeia curta, ou seja, a venda direta nas feiras e para o mercado institucional, que por sua vez, através do programa de aquisição de alimentos, tem sido muito importante na geração de renda das famílias e principalmente das mulheres agricultoras, contribuindo em sua autonomia financeira. Os agricultores do CEVAE também participam de projetos de formação de estoque e do mercado institucional da alimentação escolar, algumas famílias também realizam vendas para o mercado atacadista, programa nacional de habitação rural que exige o melhoramento das condições de moradia das famílias de pequenos agricultores.

“...Utilizamos uma tecnologia muito artesanal, muitos têm dificuldades nessa questão da tecnologia, mas estamos fazendo acompanhamento técnico nessa área da produção.” (Fala de Graça, funcionária da prefeitura em entrevista para este trabalho).

A experiência do CEVAE mostrou que o fortalecimento dos grupos de associações e cooperativas são as bases para o desenvolvimento econômico, social, ambiental, cultural e político da agricultura familiar agroecológica. Nas relações de gênero, portanto a assessoria de grupos predominantes de mulheres e sua inserção na economia monetária através da comercialização de produtos agroecológicos gerou maior autonomia, superando algumas questões de gênero, ferramenta essencial para promover a equidade de gênero entre homens e mulheres.

A produção agroecológica pode ser feita com custo baixo quando fatores como a reciclagem são utilizados. As garrafas pet, por exemplo, ajudam muito na produção porque a terra armazenada na garrafa (mais ou menos um quilo e meio de terra para cada garrafa) é propícia para o desenvolvimento de cultivos, demonstrando que o meio ambiente pode ser protegido por intermédio dessas iniciativas. As garrafas são vantajosas porque são baratas, não ocupam muito espaço e são acessíveis. E essas iniciativas já estão se multiplicando nos quintais e espaços de cultivo. Por exemplo, existem também as plantas medicinais, como a aroeira, planta que médicos indicam para infecção. Também se cultiva o Romã e o capim santo, planta muito usada em medicina popular. Apenas no CEVAE Coqueiros são dez mudas e esse número vai se multiplicando porque a produção vai se reestruturando, crescendo e trazendo importantes aprendizados. Estas hortas também tem a finalidade de dar às crianças a educação ambiental, uma vez que há trabalhos que são realizados com crianças para produzir e multiplicar a ideia da agroecologia. Além das plantas, há também flores que podem ser plantadas em vasilhas, e a ideia é reciclar, reaproveitar e ter uma melhor qualidade de vida por intermédio das iniciativas que em um projeto como esse que busca cultivar plantas e hortaliças sem agrotóxicos nem insumos químicos.

Atualmente no CEVAE há um pequeno espaço com novas variedades de legumes como pimentão, brócolis, couve-flor, milho e feijão. Usa-se um fixador de nitrogênio e adubo para melhorar a plantação e produzir hortaliças sem veneno nem defensivos químicos. Todos os defensivos são naturais, ou seja, a produção é totalmente orgânica e natural. Além disso, uma boa parte dos insumos são fabricados em casa e usados para prevenção, ou seja, o objetivo desses produtos não é matar as pragas e sim afastá-las da produção que é bem diversificada e de

ótima qualidade. A necessidade da venda direta ao cliente exige mais variedade, por isso a produção é mais diversificada e contribui para a preservação do meio ambiente e sustentabilidade. Há uma rotatividade da produção orgânica, utiliza-se todo o resto de cultura de milho verde, folhas das mangas e dos bambus para fazer compostos que servirão para criar biofertilizantes que funcionam como defensivos e nutrientes para plantas. Tudo começa com a semente na terra, mas o objetivo final é a qualidade do produto que vai chegar à mesa do consumidor. Além disso, faz-se o processo de sanitização que nada mais é do que a limpeza adequada dos produtos antes de serem postos à venda. A participação das famílias e o cuidado para que o trabalho seja bem feito são fundamentais. As etapas da sanitização são as seguintes: Pega-se os legumes e frutas mais limpos, passa-se na água, adiciona-se cloro, coloca-se para escorrer, seca-se e depois se embala. No início a produção era quase só de folhas, depois foi-se transformando a produção em uma grande variedade de frutas e hortaliças, uma vez que os agricultores tiveram de se adaptar ao mercado exigido pelos clientes que exigia maior variedade de produtos. Tudo isso favoreceu a diversidade de cultivos.

Desde quando começou o trabalho no CEVAE, há vinte e cinco anos, a prefeitura começou a dar todo o apoio financeiro e institucional além de cursos e treinamentos para os agricultores poderem fazer investimentos e melhorarem a qualidade do produto. Outra questão importante é a qualidade da água disponível. A outorga de água parte de licença ambiental para poder produzir e facilitar a comercialização dos produtos. Há também projetos para promover o gerenciamento inteligente de água na agricultura para criar uma plataforma que forneça ao agricultor um mapa diário de recomendação para racionalizar o uso da água na propriedade, além de técnicas de produção agrícola como a inseminação artificial que aumenta a reprodução dos vegetais. Também há técnicas específicas para o sistema de produção integrada de hortaliças que estão em fase final de cultivo.

Com o objetivo de melhorar a produção, houve a criação de uma associação de produtores agroecológicos na região formalizada com CNPJ para facilitar o processo de participação em compras do governo, uma vez que eles podem agora vender para o governo a produção orgânica com essa associação. Também criou-se uma organização de controle social, uma modalidade de cadastramento de produtores orgânicos criada pelo ministério da agricultura. Por isso, hoje se trabalha em grupos de pequenos produtores em parceria com assentamentos de agricultores

familiares. Estes pequenos grupos fazem parte dos objetivos do portfólio lançado pela EMBRAPA e ministério da agricultura. O portfólio reuniu todas essas informações em um CD que visa facilitar ao produtor o acesso a essa informação para lhe facilitar a aplicação das normas técnicas para lhe permitir uma gestão mais eficiente da sua produção. Ou seja, no CEVAE Coqueiros existe uma gestão mais eficiente, uma gestão dos recursos dos insumos. Existe um menor desperdício por parte do produtor, pois todas as ações que ele executa devem ser baseadas em critérios definidos, então há uma economia de insumos de maneira geral com a execução das normas técnicas. O consumidor vai ser um dos elos mais beneficiados pela produção integrada uma vez que vai obter no supermercado, por exemplo, um produto devidamente embalado com a garantia de qualidade padronizada e totalmente livre de resíduos químicos. Por isso, a produção agroecológica integrada não existe apenas para a cultura de hortaliças, uma vez que teve início com o cultivo de frutíferas ampliou o seu escopo e abrange atualmente não somente frutíferas, mas também hortaliças e, inclusive, animais. A produção integrada de frutas e hortaliças no CEVAE Coqueiros produz também tomate, melão e mais recentemente o pimentão que está em fase final.

Ilustração 3 – Horta de cultivo no CEVAE do bairro Coqueiros



Fonte: Fotografia tirada no CEVAE Coqueiros. (18/09/2017)

8 DISCUSSÃO E REFLEXÃO CRÍTICA A RESPEITO DOS DADOS EMPÍRICOS DE CAMPO

Foram realizadas 17 entrevistas, através de questionário semiestruturado, no CEVAE Coqueiros, entre os dias 01 e 19 de setembro de 2017. Buscou-se entender as perspectivas tanto dos agricultores quanto dos funcionários da prefeitura sobre:

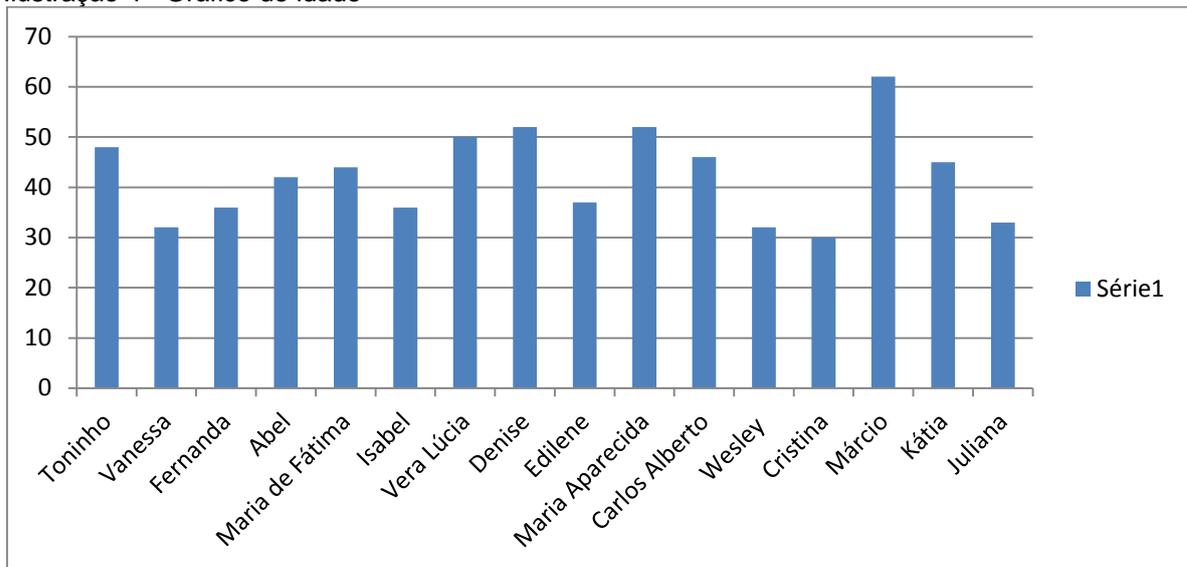
- a) desenvolvimento sustentável;
- b) impactos positivos e negativos da agroecologia;
- c) dificuldades enfrentadas para continuidade do CEVAE.

Utilizando a técnica de “Olhar, ouvir e escrever” exposta por OLIVEIRA (1993), em que olhar e ouvir são percepções da realidade, focalizadas na pesquisa empírica, buscou-se analisar não apenas dados quantitativos seguindo um roteiro pré-estabelecido de perguntas e análise de dados, além disso, buscou-se entender através de elementos da memória um pouco da historicidade do entrevistado, contribuindo assim para a realização da pesquisa. Dentro desta perspectiva utilizou-se, também, estudos de Paulo Freire (1981) o qual deixa firme e claro que, como entrevistadores/pesquisadores, não podemos interferir de forma pretensiosa, arrogante, determinante e com imposição de hierarquia em relação ao entrevistado. Segundo o autor a relação entrevistador/entrevistado deve ser embasada por uma perspectiva dialética, de trocas e aprendizados entre as partes, sem imposição.

Com base nos dados coletados verificamos que 8 dos 17 entrevistados nasceram no município de Belo Horizonte/MG, os outros 9 nasceram em municípios da região metropolitana de Belo Horizonte.

Considerando o perfil foram entrevistados 5 homens e 12 mulheres. A amplitude etária foi relativamente grande, com objetivo de abarcar possíveis mudanças de sensibilidade e perspectivas intergeracionais, sendo assim, a distribuição etária variou entre 30 e 68 anos de idade, conforme o gráfico de distribuição que segue:

Ilustração 4 - Gráfico de idade



Fonte: Entrevistas realizadas no CEVAE Coqueiros. (16/09/2017)

O grau de escolaridade é semelhante, com mais de 60% dos entrevistados com ensino médio e aproximadamente 40% com fundamental. Nenhum possui curso superior.

8.1 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

O termo desenvolvimento sustentável começou a ser discutido a partir da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano, que ocorreu em junho de 1972, em Estocolmo na Suíça, e é conceituado como o desenvolvimento que atende as necessidades da geração atual sem comprometer as futuras gerações, lhes permitindo atender suas próprias necessidades, ou seja, seria uma conciliação entre desenvolvimento, preservação do meio ambiente e melhoria na qualidade de vida. Seria uma tentativa de minimizar os desequilíbrios do atual modelo econômico a desigualdade social, a degradação e poluição ambiental. No que tange a relação dos entrevistados com o termo desenvolvimento sustentável, quando questionados se já ouviram falar sobre o conceito 78% afirmam conhecê-lo, no entanto, interpelados sobre a definição as respostas divergiam: “melhoras para a cidade”, “métodos para preservação”, “progresso realizado com menor impacto”. A partir das resposta, vivência e discussões sobre o campo, observamos que muitos

associam o desenvolvimento sustentável ao progresso (crescimento econômico), outros fazem uma certa associação com o meio ambiente e sua preservação, porém, poucos compreendem o conceito. Salientamos que o conceito de desenvolvimento sustentável, compõe o paradigma da “modernização ecológica”. Conforme Zhouri (2004) a adequação ambiental apresenta uma preocupação com o esgotamento dos recursos naturais, sendo passíveis de resolução no parâmetros tradicionais racionais iluministas, compostos por desenvolvimento tecnológico e de gestão dos recursos em harmonia com o pensamento hegemônico de desenvolvimento, pautado na acumulação capitalista. Tal perspectiva desconsidera as relações de poder e assimetrias presentes na sociedade.

Ilustração 5 - Gráfico "Já ouviu em desenvolvimento sustentável?"

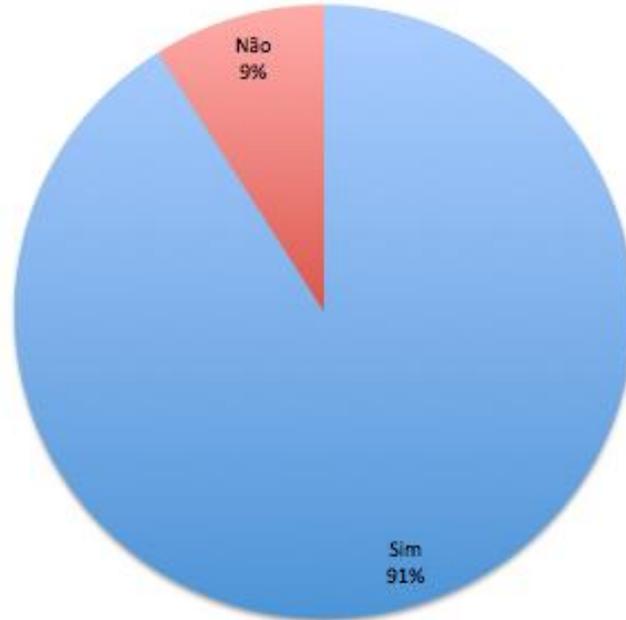


Fonte: Entrevistas realizadas no CEVAE Coqueiros. (16/09/2017)

Quando perguntados sobre a eficiência dos CEVAEs, os entrevistados demonstraram algumas queixas como a falta de agentes da prefeitura para subvencionar o cultivo das terras, uma vez que demandam mais pessoal. Outra queixa, foi a falta de uma parceria mais fortalecida junto à prefeitura, uma vez que necessitam de maiores recursos e suportes. No entanto, grande parte dos agricultores demonstraram ser positiva a experiência com o CEVAE, conforme sugere o gráfico a seguir:

Ilustração 6 - Gráfico "Acredita que o CEVAE contribui para a agroecologia?"

Acredita que o CEVAE contribui para a agroecologia?



Fonte: Entrevistas realizadas no CEVAE Coqueiros. (16/09/2017)

Portanto, pode-se dizer que o CEVAE Coqueiros contribui para manutenção da Agrobiodiversidade, segurança alimentar, aumento da renda familiar e manutenção da agricultura tradicional. Fatos comprovados pelos entrevistados:

“...os alimentos hortaliças e frutas plantados aqui são 100% naturais. São mais resistentes, mais saudáveis, tem mais qualidade. Além disso a terra não sofre os impactos que sofreria com os adubos químicos, e além do mais, o modo de produção agroecológico é mais barato e acessível..” (Denise, agricultora entrevistada no CEVAE Coqueiros).

No entanto também há queixas em relação à produção agroecológica:

“...As principais dificuldades são a falta de incentivos públicos e a falta de cooperativas de pequenos agricultores para conseguirmos competir com agricultura convencional. É uma disputa muitas vezes desigual porque há muitos incentivos do governo para agricultura convencional e poucos incentivos para a agricultura familiar e a agroecologia.” (Fala de Carlos, agricultor entrevistado no CEVAE Coqueiros).

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção agroecológica do CEVAE Coqueiros vem se modernizando com grande rapidez a exemplo de outros segmentos e vem demandando novos conhecimentos em tecnologia e inovação. Busca-se cada vez mais profissionais especializados, uma vez que está se tornando cada dia mais necessárias as chamadas profissões do futuro, principalmente aquelas ligadas aos setores no quadro de ciência e tecnologia. Como um dos segmentos mais importantes da economia nacional, a agricultura tem exigido cada vez mais profissionais qualificados para dar suporte às etapas da cadeia produtiva que começa no campo. Essas áreas do conhecimento técnico são fundamentais para se atender às demandas de um mercado competitivo. Por isso, profissionais da agricultura tem ajudado a modernizar o setor e manter o país na liderança das exportações de vários produtos com ou sem tradição familiar. No CEVAE Coqueiros há vários agricultores plantadores de frutas, hortaliças e verduras que somam quase 50 espécies diferentes. Os produtores reconhecem as dificuldades do setor, mas garantem o necessário para conseguirem sua produção agrícola familiar. No entanto, a agricultura é uma atividade muito complicada devido a um sistema comercial que existe no Brasil onde se planta e não se consegue vender a um preço satisfatório. Atualmente, a tecnologia está cada vez mais presente no campo, por isso tem de se incluir a tecnologia na produção agrícola familiar através de cursos de capacitação internos, cursos de pequena, curta e longa duração como pós-graduações, estágios para bolsistas parceiros de empresas privadas e também parcerias públicas que num contexto geral apoiam essa inovação dentro da pesquisa agroecológica.

Não se objetiva apenas a pesquisa agroecológica, mas também a ampliação da área de atuação que não pode ser basicamente na pesquisa uma vez que a agroecologia envolve vários setores dentro da agricultura que vão desde o processo de cultivo à discussão da agricultura urbana e dificuldade das pessoas de levarem a diante. A agricultura tem mudado muito em relação às tecnologias que se usa. E em relação a essa questão surge uma discussão dos novos agricultores, pessoas que não tinham nenhuma relação com a agricultura e montam um negócio. Por exemplo, há pessoas que foram para a agricultura e começaram a montar negócios como, por exemplo, atividades relacionadas ao plantio que não fazia parte da realidade das pessoas com curso superior. Em regiões como a Europa é muito comum falar-se dos novos agricultores, profissionais que vem surgindo em algumas regiões. E essas áreas que estão surgindo no campo de atuação da agricultura já são identificadas como tendências para o futuro. Hoje vivemos num mundo de informações muito amplificadas. No meio agrícola existe toda uma cadeia produtiva associada em diferentes áreas de inovação onde se pode destacar sistemas produtivos mais sustentáveis onde o produtor exige a necessidade de produzir mais com menos recursos naturais. Neste sentido, os processos de intensificação da terra, por exemplo, permitem fazer duas safras em um mesmo ambiente durante o ano, os sistemas de irrigação são outro processo que tem crescido muito, pois podem fazer com que o produtor agregue valor à sua produção. Outra questão que tem chamado bastante atenção é a transformação digital na agricultura. As novas tecnologias de sistemas de informação geográfica que usam imagens de satélites e drones colocam o arcabouço tecnológico para apoiar a produção e os produtores rurais. Tem-se a elevação da produtividade e também a redução dos impactos ambientais. Portanto, as pessoas que quiserem atuar nesses novos campos, que serão tendência, terão que investir em informações e conhecimento certo. Por isso, surgem novas demandas para os profissionais da área, novas graduações como agroecologia ou Ciências Ambientais por exemplo. Busca-se cada vez mais a interdisciplinaridade para que o profissional possa atuar nos mais variados segmentos. Não basta apenas dominar uma determinada área específica, há de se saber utilizar a tecnologia que vem da computação, ter uma noção melhor das estratégias de marketing e publicidade e saber otimizar a economia para produzir mais utilizando menos insumos para obter o melhor retorno financeiro. A agroecologia busca

profissionais que sabem se relacionar com os outros e trabalhar em equipe, ou seja, o profissional tem que ser cada vez mais completo.

Portanto, este trabalho demonstrou que o CEVAE pode ser uma prova de que é possível conciliar qualidade, produtividade e amor ao trabalho no campo, considerado um modelo de experiência bem sucedida e que será apresentada no congresso latino americano de agroecologia. O local se transformou em referência de como é possível mudar do modelo convencional para o sistema agroecológico de cultivo. Pode-se dizer que o CEVAE Coqueiros contribuiu para o desenvolvimento da agroecologia urbana, não apenas pela parte técnica, mas também pela parte ambiental, social e econômica. Por isso, a experiência dos CEVAEs foram citadas no congresso de agroecologia para disseminar a experiência para o restante do Brasil e outros países da América Latina. Além disso, o projeto do CEVAE proporcionou alegria, confiança e a maior interação entre as famílias de agricultores. Vários outros agricultores vêm para fazer cursos e aprender sobre a interação da produção agrícola com o produtor, para assim poderem seguir esse caminho tão belo da agricultura familiar.

No entanto, ao finalizar este trabalho, não se pretende fazer conclusões definitivas acerca da agroecologia urbana e da eficiência dos CEVAEs, pelo contrário, estamos apenas ampliando ainda mais o leque de questões referentes ao tema. Neste sentido, este trabalho propôs a realização de entrevistas com agricultores familiares que frequentam o CEVAE para que através das análises das interações e dos diálogos presenciados, conhecêssemos melhor a situação e os problemas enfrentados por eles no seu cotidiano. Os resultados obtidos atenderam aos nossos objetivos, uma vez que nos foram fornecidas informações acerca da acessibilidade dos entrevistados à produção agroecológica e podemos ver isso na observação do participante que fez-se no CEVAE Coqueiros, onde várias pessoas foram entrevistadas e pôde-se ter uma noção acerca da agroecologia urbana na cidade de Belo Horizonte.

Os resultados obtidos possibilitaram reflexões sobre agroecologia e vários outros desafios enfrentados pelos agricultores familiares em Belo Horizonte, fornecendo conhecimentos que podem ajudar na formulação de políticas que visam facilitar a promoção da agroecologia e o cumprimento dos princípios de sustentabilidade propostos pelo PDDI, Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado na cidade de Belo Horizonte.

Longe de esgotar o assunto pesquisado, os resultados apontam indícios de vários caminhos a serem percorridos quando o assunto é agroecologia urbana: as respostas e informações coletadas na pesquisa permitem uma universalização para todos os CEVAEs? Ou mesmo, dentro do grupo pesquisado? Além do questionamento sobre o alcance e generalização das conclusões parciais obtidas até o momento com a pesquisa, é possível ainda identificar como a “visão social” dos agricultores se expressa na “visão técnica” da questão; quanto, de priorizar a pesquisa com os agricultores, procurando revelar processos de significação, valoração e interpretação por parte deste grupo, identificando como eles percebem o mundo e quais as necessidades, dificuldades e potencialidades inerentes a esta condição.

Observações dos entrevistados...

“...Penso que os CEVAES contribuem bastante para promover a agroecologia na cidade de Belo Horizonte, no entanto faltam incentivos da prefeitura e uma parceria mas eficiente com as ONGs. Precisa-se também atrair mais agricultores familiares e técnicos agrícolas para participarem do programa.” ³

“...Acredito que sim. Meus filhos, por exemplo, já não tem mais a cultura de plantar e cultivar a terra como nós tínhamos no passado. Acho que está se perdendo as formas tradicionais de agricultura, por isso penso que deveríamos fazer programas de incentivo à agricultura familiar e à agroecologia.” ⁴

“...Gostaria de pedir para as pessoas procurarem sempre a procedência dos produtos, consumirem só produtos de origem agroecológica para poder incentivar e manter a produção orgânica familiar para conseguirmos competir e aos poucos acabar com agricultura convencional.” ⁵

³ Fala de Juliana, agricultora do CEVAE Coqueiros, em entrevista para esta pesquisa.

⁴ Fala de Carlos, agricultor do CEVAE Coqueiros, em entrevista para esta pesquisa.

⁵ Fala de Denise, agricultora do CEVAE Coqueiros, em entrevista para esta pesquisa.

10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIERI, Miguel Ángel. **Agroecologia**: princípios e estratégias para a agricultura sustentável na América Latina do século XXI. O desenvolvimento rural como forma de aplicação dos direitos do campo: princípios e tecnologias (MOURA, EG e AGUIAR, ACF Brasília, p. 83-99, 2006.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecology**: the science of natural resource management for poor farmers in marginal environments. *Agriculture, ecosystems & environment*, v. 93, n. 1, p. 1-24, 2002.

ASSIS, Renato Linhares de. **Agroecologia no Brasil**: análise do processo de difusão e perspectivas. 2002. Tese de Doutorado. UNICAMP.

BARBOSA, Malba Tahan. **Educação ambiental popular**: a experiência do Centro de Vivência Agroecológica-CEVAE/Taquaril. 2002.

BRANDENBURG, Alfio. **Movimento agroecológico**: trajetória, contradições e perspectivas. *Revista Desenvolvimento e meio ambiente*, v. 6, p. 11-28, 2002.

CAPORAL, Francisco Roberto et al. **Agroecologia**: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. Brasília: MDA/SAF, 2009.

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. *Pesquisa participante*, v. 8, p. 34-41, 1981.

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecology**: researching the ecological basis for sustainable agriculture. In: *Agroecology*. Springer New York, 1990. p. 3-10.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. Livraria UNESP, 1993.

PEREIRA, Ligia Maria L. **Relatos orais em ciências sociais**: limites e potencial. *Anál. & Conj.*, Belo Horizonte, v. 5, nº 3set./dez., 1991.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia**: Trabalho de Campo e Texto Etnográfico nas Pesquisas Antropológicas sobre Religiões Afro-Brasileiras. 1ª Ed., 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

WORSTER, Donald. **Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história**. *Ambiente & sociedade*, v. 5, n. 2, p. 23-44, 2003.

ZHOURI, Andréa. **A Revolta da ecologia política: conflitos ambientais no Brasil**. *Ambiente & Sociedade*. VII. p. 211-213. 2004.

11 ANEXO

Roteiro utilizados para entrevistas:

Roteiro de entrevista com agricultores familiares do CEVAE - Histórico e atualidade da produção orgânica no Centro de Vivência Agroecológica do bairro Coqueiros.

Parte I: Trajetória

- Fazer um histórico desde o período que precedeu a entrada no CEVAE.
- Falar sobre a região de onde vêm, o que produziam, como produziam, diferenças de hoje.
- Já praticavam a agroecologia? Motivos, as pessoas envolvidas (técnicos, lideranças)
- Fazia uso de agrotóxicos e adubos solúveis?

Parte II: Início

- Ano que começou a participar do CEVAE.
- Falar sobre a o início da participação no CEVAE: as questões produtivas, dificuldades, assistência técnica, as lideranças.
- Onde entra a discussão sobre agroecologia? Sempre foi agroecológico / orgânico?
- O que motivou, quem?
- Recursos (havia? Há?) Cursos, formações?
- Dificuldades encontradas. - Comércio / mercado.
- O que era produzido? Como? (De forma geral)

Parte III: Atualidade

- Falar sobre a organização/trabalho do grupo.
- Como é realizado o trabalho? Individual, coletivo?
- Como esta hoje a questão dos insumos e adubos solúveis?
- Falar sobre as feiras de comercialização: local, frequência, tipo de consumidores, preço, produtos, outros agricultores.
- Produtos comercializados.
- Produtos agroecológicos e consumidores: falar sobre suas percepções.
- Aspectos positivos, aspectos negativos.
- Infra-estrutura social e produtiva (água, luz, esgoto, moradia, máquinas e equipamentos, etc.)
- As discussões dentro das famílias (sobre agroecologia)
- O que produzem (variedades), em que quantidade? (de forma geral)
- Planejamento da produção.
- Divisão do trabalho familiar.
- Falar sobre a assistência técnica.
- Influências na alimentação da família.

ENTREVISTAS, DIÁLOGOS E RELATÓRIOS DE ATIVIDADES DE PESQUISA COM AGRICULTORES E TÉCNICOS ENVOLVIDOS COM A PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA NO CEVAE

SUMÁRIO

Entrevista 1 – Joana.....	1
Entrevista 2 - José.....	2
Entrevista 3 - Valéria.....	4
Entrevista 4 – Luiza.....	5
Entrevista 5 – Júlio.....	6
Entrevista 6 – Karla	9
Entrevista 7 – Sara.....	12
Entrevista 8 – Fernanda.....	14
Entrevista 9 – Letícia.....	15
Entrevista 10 – Laura	20
Entrevista 11 – Yara.....	25
Entrevista 12 – Luiz.....	29
Entrevista 13 – Rafael.....	31
Entrevista 14 - Margarida.....	34
Entrevista 15 – Marcos.....	36
Entrevista 16 – Luciana.....	43
Entrevista 17 – Mariana.....	48

Entrevista 1 - Joana

Nome: Joana Oliveira Silva

Idade: 52 anos

Local: Bairro Coqueiros – Belo Horizonte

Data: 02 de Setembro de 2017

Profissão: Agricultora, funcionária da prefeitura e líder do Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA

Joana: O Movimento dos Pequenos Agricultores e o CEVAE do bairro Coqueiros surgiram a partir de um projeto da prefeitura no final de 1994 início de 1995, momento onde muitos pequenos agricultores demandavam espaço para plantio e fizeram um grande levante dos pequenos agricultores onde foram divididos em seis grandes acampamentos na cidade de Belo Horizonte, a partir daí o movimento surge também em outras cidades devido à uma grande crise no sindicalismo brasileiro. Havia uma necessidade de criar outras instituições representativas dos pequenos agricultores com uma dinâmica diferente com caráter nacional que garantisse realmente a produção agrícola dos pequenos agricultores, e a partir daí que surgem os CEVAEs que hoje estão presentes em 5 regiões da cidade de Belo Horizonte.

Sérgio: De que forma os CEVAEs contribuem para a produção agrícola na cidade de Belo Horizonte?

Joana: O CEVAE Coqueiros começa a desenvolver um resgate a partir de 1994, baseado em experiências de outras entidades que já tinham esse trabalho de resgate e melhoramento da agricultura urbana, a partir de 1997 que surge o Movimento dos Pequenos agricultores em Belo Horizonte. O movimento começa a participar ativamente desse trabalho que começou pelo sindicato e a partir daí começou-se a abrir novos espaços de cultivo. Nós achamos muito importantes o resgate e o melhoramento, o armazenamento e a comercialização dos vegetais e hortaliças. Trabalhamos também com o resgate cultural da identidade camponesa para debater a questão de um novo meio de produção dessa cultura que não é um pacote tecnológico baseado nas sementes híbridas nos venenos nos adubos na uréia, e sim baseado na agricultura tradicional dos pequenos agricultores que sabem manusear e cultivar a terra de uma forma tradicional. Nós acreditamos que hoje precisamos qualificar e quantificar esse trabalho que começa no município de Belo Horizonte, e que hoje está espalhada por este país. E que nós já temos estudos feitos pela UFMG que demonstram que as plantas e hortaliças produzem alimentos sem adubo, sem ureia e sem grandes investimentos, de forma muito mais vantajosa que os outros tipos de produção que custam mais de R\$ 150,00 a bolsinha e precisam ter uréia e adubo. Por isso, o preço da produção agroecológica é bastante vantajoso. Temos até uma campanha internacional chamada Via Campesina, que trata a agroecologia como patrimônio dos pobres a serviço da humanidade, e achamos que é importante fazermos esse contra ponto da questão dos transgênicos que é um modelo que não deu certo, e que nós já vimos os grandes prejuízos que eles causam a nação, e para nós, a agroecologia é um contra ponto a isso.

Sérgio: Que expectativa a Senhora tem sobre a produção inteiramente orgânica?

Joana: Sentimos uma grande necessidade de qualifica e de quantifica, como eu tinha dito antes, porque estamos aumentando a produção, e nós do movimento dos pequenos agricultores em parceria com outras entidades estamos a partir deste ano e queremos finalizar no ano que vem, a construção de uma unidade de beneficiamento da produção agroecológica, para que possamos dar mais visibilidade a este trabalho, de beneficiamento das produção e fazer com que a produção seja cada vez mais acessível aos agricultores. Também estamos percebendo que a cada ano está aumentando a nossa demanda, e estamos comercializando de forma muito artesanal, em torno de 400 a 500 quilos todo o ano, e todo ano aumenta a demanda pelos alimentos e aumenta também a procura da produção agroecológica pelos agricultores. Hoje nós temos aqui em Belo Horizonte cerca de 102 famílias que trabalham com agroecologia, e essa experiência está tendo uma abrangência de nível regional e estadual.

Sérgio: A senhora acredita que o agricultor que cultiva, tem a consciência do que seu cultivo representa, ou é apenas uma forma de sobrevivência?

Joana: Este é o trabalho que nós acabamos desenvolvendo com bastante formação, bastante capacitação de você esta conversando com os agricultores muito deles mantém essa tradição, que vêm de seus pais, muitos agricultores querem manter essa tradição, e felizmente, muitos agricultores depois de muito anos acabam percebendo que ela produção agroecológica traz muito mais lucro para a família, e o investimento na produção é muito menor do que o investimento que se faz na produção mecanizada. Nós temos agricultores que estão trabalhando conosco que já fazem 10 e até 15 anos e estão muito satisfeitos.

Sérgio: A senhora acredita que o agricultor que produz alimentos de forma totalmente orgânica e natural domina uma metodologia própria para isto? O uso da tecnologia ainda é um empecilho para o modo de produção agroecológica?

Joana: Utilizamos uma tecnologia muito artesanal, muitos têm dificuldades nessa questão da tecnologia, mas estamos fazendo acompanhamento técnico nessa área da produção.

Entrevista 2 – José

Nome: José Henrique Oliveira

Idade: 48 anos

Local: Bairro Coqueiros – Belo Horizonte

Data: 03 de setembro de 2017

Profissão: Técnico Agrícola

O entrevistado faz relatos sobre sua vida, suas experiências com agricultura familiar e comenta sobre o livro que está escrevendo:

José: Sou agricultor desde a infância, me considero um eterno aluno, então eu acredito que sempre podemos aprender e crescer sempre mais, e uma forma de registrar essa cultura, é escrevendo seus relatos em livros. Quando começamos a escrever o livro, cada capítulo é um caminho percorrido, e é uma coisa que eu mais recomendo para as pessoas, e é muito importante para o dia a dia.

Sérgio: Onde o senhor encontrou os elementos para escrever o livro? Percebi que tinha no livro a história da agricultura familiar...

José: O livro é dividido em duas partes. A primeira fala sobre a história da agricultura familiar e evolução dos modos de produção. A segunda parte fala sobre minha experiência com a agricultura familiar. É uma narrativa da memória dos fatos...

Sérgio: Mas essas memórias e esses fatos são de quem?

José: No caso, a memória é minha e os fatos, que fui adquirindo há muito tempo. Escrevi memórias de pessoas com quem convivi e conversei, busquei experiências novas que me ajudaram muito. Uma dessas foi um agricultor de Esmeraldas, ele já tinha realizado um trabalho no CEVAE com um padre que lhe ensinou como plantar e cultivar.

Sérgio: O senhor acha que os agricultores que cultivam a produção agroecológica seguem uma metodologia de plantio, consciente ou inconsciente?

José: Eu acredito que alguns seguem conscientemente, inclusive é um trabalho realizado pela UFMG. Alguns aceitam essa interferência da atividade técnica, não sei hoje se isso até que ponto é bom, mas ainda seguem costumes de 50 ou 60 anos atrás.

Sérgio: E o senhor segue o modo tradicional de plantio?

José: Sim claro, já cheguei a plantar 21 espécies diferentes de hortaliças. Planto para conhecer na prática, e hoje tenho a capacidade de reconhecer mais de 50 espécies de hortaliças, temos que estudar, provar, mas o principal é ter a prática.

Sérgio: Sobre a UFMG? Em que ela está contribuindo para ajudar a produção agroecológica?

José: Não apenas ela, mas também muitos técnicos da prefeitura vêm para nos transmitir conhecimentos, e nós idem a eles. Estamos procurando fazer uma equipe de agricultores para passar as experiências um para o outro.

Sérgio: Então o Sr. reconhece dois tipos de conhecimento: um que está sob domínio dos agricultores e outro sob os cuidados dos técnicos?

José: Os dois tem valores variados e muito valorizados, nós agricultores vemos as coisas muito mais práticas e simples e conseguimos às vezes mais resultados bons do que os próprios técnicos.

Sérgio: E o Sr. acha que nas famílias eles conversam e comentam sobre os valores da produção agroecológica?

José: Eu acredito que em algumas famílias eles conversam.

Sérgio: E o Sr. acha que eles cultivam a produção agroecológica de forma tradicional? Qual é a sua opinião?

José: Sim. Percebi que eles não produzem de forma meramente técnica.

Sérgio: O que leva o agricultor a migrar para a Agroecologia?

José: O agricultor é um agricultor bem consolidado e desenvolvido, e ele gosta realmente, é uma questão de prazer. Outros plantam por uma questão econômica e cultural.

Sérgio: Mas se tiver uma patente agrícola, como é que fica a questão coletiva?

José: Se houver o melhoramento da produção, ela deverá ficar sobre o domínio de um agricultor esse que fez seu melhoramento.

Sérgio: Se nós fossemos numeraras três maiores dificuldades de expandir ou popularizar a produção agroecológica, quais seriam elas?

José: Uma delas seria os cursos, é raríssimo vermos isso em nossa região, poucas entidades trabalham isso. Há poucas pessoas envolvidas, poucos técnicos, com pouco envolvimento do poder público.

Sérgio: A produção agroecológica em Esmeraldas hoje como é que está?

José: Eu saí de lá há um ano e meio, na época tínhamos uma associação chamada ASSO com 18 famílias sócias. Tem também lá o sindicato e acredito que nos próximos 50 anos ainda exista quem plante e cultive.

Entrevista 3 – Valéria

Nome: Valéria Gonçalves

Idade: 32 anos

Local: Bairro Coqueiros – Belo Horizonte

Data: 04 de setembro de 2017

Profissão: Agricultora

Sérgio: Como surgiu o trabalho com agroecologia em Belo Horizonte?

Valéria: O trabalho com agroecologia já existe há muito tempo, com nossos ancestrais, mas em 1993 com a gestão de Patrus Ananias em Belo Horizonte, surgiu a necessidade de trazer o agricultor para a cidade, a necessidade de descobrirmos saídas para melhorar a vida do agricultor na cidade, assim pensando em fazer com que o agricultor cultive e melhore sua produção, que vive independente do lado químico. Então começou-se o trabalho de resgate da agricultura familiar urbana, formando grupos no município para fazer experimentos na produção agroecológica, e ao final desses experimentos foram criados os CEVAEs.

Sérgio: Quanto à questão cultural, existe alguma relação dos agricultores que cultivem com a sua origem cultural ou étnica?

Valéria: Sim. Como comentei antes, existe essa tradição há muitos anos, vem do tempo dos índios que passam de pai pra filho as técnicas que são cultivadas nas próprias terras do agricultor. Acredito que isto seja muito cultural, por isso, tenho orgulho de dizer que a semente que eu planto é a mesma que meu pai plantava.

Sérgio: A respeito da festa dos agricultores familiares, qual a importância dela que tenho ouvido falar no Brasil inteiro?

Valéria: A festa é um momento propício para a discussão da agroecologia, pois ela contribui para a formação das pessoas, estudo e troca de experiência entre os agricultores do Brasil inteiro, e até em nível internacional. A última foi um sucesso, pois teve gente de 22 estados, e 12 países diferentes, por isso, temos muita consciência de que a agricultura familiar é um patrimônio da humanidade, pois ela é do povo e vai ficar para o povo.

Sérgio: Belo Horizonte vem se desenvolvendo bastante na produção agroecológica. O que isso representa para a cidade?

Valéria: Essa conquista foi o resultado de muito trabalho, o deputado Rogério Correa realizou um projeto e levou até a câmara onde foi aprovado pela Assembléia. A partir daí, Belo Horizonte passou a ser capital estadual da Agroecologia.

Sérgio: Como agricultora, qual seu interesse em expandir a produção agroecológica?

Valéria: Eu, como agricultora sei que a população tem direito a sua história, e por isso quis resgatar a história da agricultura familiar e expandi-la. Nós começamos um

trabalho com a rádio comunitária, então muitas pessoas vinham contar suas experiências de como foram os primeiros tempos. Na última festa dos agricultores familiares formulamos propostas para a expansão da produção agroecológica.

Sérgio: Existe alguma associação para divulgar a produção agroecológica?

Valéria: Existe. Há um grupo de agricultores que é a associação dos pequenos agricultores, e constantemente são feitas reuniões.

Sérgio: Quais problemas são enfrentados em relação à produção agroecológica?

Valéria: A maior barreira é que muitos agricultores foram induzidos a cultivar legumes, frutas e hortaliças com o uso de agrotóxicos. Muitos ainda precisam do adubo químico, porém, pesquisadores da UFMG constataram que alimentos cultivados pela produção agroecológica são mais resistentes.

Entrevista 4 – Luiza

Nome: Luiza Moreira

Idade: 36 anos

Local: Bairro Coqueiros – Belo Horizonte

Data: 05 de setembro de 2017

Profissão: Comerciante/proprietária de produtos agroecológicos e agricultora.

Sérgio: Você trabalha aqui no CEVAE com a produção agroecológica. Qual a diferença entre os alimentos produzidos de forma 100% orgânica e os produzidos de forma mecanizada?

Luiza: A diferença entre eles é a qualidade e o sabor, o produto agroecológico tem mais sabor e mais qualidade.

Sérgio: As pessoas aqui da região ou de outras procuram produtos agroecológicos? Como é essa relação com os consumidores?

Luiza: A procura é pequena, depende mais da produção, não do povo.

Sérgio: Vocês têm conseguindo oferecer o produto o ano? Como funciona esse processo?

Luiza: É muito difícil oferecer o ano todo, pois a produção é pequena ...

Sérgio: A que você atribui essa dificuldade?

Luiza: Pessoalmente é preciso a conscientização dos agricultores para trabalhar com eles, fazer um trabalho de conscientização.

Sérgio: Você produz os alimentos para sua família ou vende toda a produção à terceiros?

Luiza: Eu e minha família utilizamos os alimentos que produzo, o excedente é vendido.

Entrevista 5 – Júlio

Nome: Júlio Passos

Idade: 42 anos

Local: Bairro Coqueiros – Belo Horizonte

Data: 05 de setembro de 2017

Profissão: Agricultor

Júlio é um agricultor experiente e bastante hábil. Considerado por muitos um dos mais habilidosos agricultores.

Sérgio: Seu Júlio, o Sr. se considera um pesquisador?

Júlio: Um pesquisador não, mas um experiente sim.

Sérgio: Mas quando o senhor maneja a produção agrícola, o senhor tem conhecimento e experiência para fazer isso. Como o senhor poderia me contar a história de como conseguiu chegar à experiência de que tem hoje?

Júlio: Eu digo que não tenho grandes segredos para plantar hortaliças e legumes.

Sérgio: Mas, se por exemplo, o Sr. plantar um híbrido, ele brota da mesma forma que a semente crioula?

Júlio: Não. Existem diferenças. Por exemplo, o milho o Asteca não é um milho de planta com plantadeira, ele tem uma regulagem na plantadeira que larga um por um os milhos. Com os híbridos não dá para fazer igual. Em termo de distância ele tem que ter 80 centímetros, eu planto esse daqui com 80cm de distância.

Sérgio: Ele produz mais que o outro, menos ou igual? Como funciona?

Júlio: Na verdade ele produz um pouco menos. Por isso, tenho essa opção de plantar os milhos crioulos, por que não me dão tanta despesa. Alguns amigos meus não plantam o milho crioulo, preferem pegar dinheiro do banco para comprar semente, adubo e ureia para produzir.

Sérgio: E na hora de se alimentar com o milho híbrido e o milho crioulo? Há diferença? Como o senhor vê isso?

Júlio: Ali a diferença está no orgânico, que não usa venenos e nem produtos químicos.

Sérgio: Então quer dizer que há uma diferença entre milho crioulo e milho crioulo orgânico?

Júlio: Do próprio milho crioulo se é orgânico ou não tem essa diferença, o mesmo tem no híbrido só que o híbrido não produz se não se usa a uréia e o adubo. Não significa que o milho crioulo é mais sadio, pode até ser mais gostoso, mas é apenas orgânico.

Sérgio: Seu Abel, o senhor já ouviu falar de patentes de sementes?

Júlio: Já ouvi.

Sérgio: E o senhor tem ideia do que significa, ou não?

Júlio: Há! um pouco eu tenho.

Sérgio: O que o senhor poderia me dizer sobre as patentes que já ouviu falar?

Júlio: Nós já tivemos reunião e já falamos sobre isso, seria uma coisa muito interessante pra gente, em termos de sementes, por que a patente não é nada menos que a legalização da venda, ser apto a negociar, tanto nacional como internacionalmente.

Sérgio: O senhor produz outras qualidades de milho crioulo na propriedade?

Júlio: Vários tipos, pois sou muito ligado à biodiversidade da semente. Houve um seminário onde pudemos trocar, tanto que a semente é para o verão e eu plantei no inverno e deu certo. Mas eu primeiro tenho que ter mais terras. Ai eu procuro palha de tudo, todas as 9 sementes, duas lentilhas, dois pés de milho, uma de trigo, melancia crioula, melão, pepino crioulo, rúcula, feijão.

Sérgio: O senhor ganha muito com essas sementes?

Júlio: Não ganho muito. Depois que eu comecei a trabalhar com isso, comecei a sobrar mais, pela questão de trabalhar independentemente.

Sérgio: Mas não é uma profissão para enriquecer, qual o seu objetivo de fazer toda esta produção? O senhor não tem a ideia de fazer tudo isso só pra ganhar dinheiro?

Júlio: Eu já gostei disso desde o primeiro seminário que teve. Já me interessei de plantar as sementes crioulas porque estão sendo extintas, elas são carentes de uréia, de adubo, e as outras eu só peguei uma e já deu certo.

Sérgio: O senhor me disse no início que o seu pai já fazia isso. O senhor acha que ele aprendeu como com seu avô? Tem ideia de como ele aprendeu? Naquela época não havia técnicos como hoje...

Júlio: Sim, mas existiam as sementes crioulas, este milho aqui é de origem indígena, eles devem ter coletado e misturado todas as espécies, mas nós sentimos muito que estão caindo em extinção, pois quando eu cheguei aqui eu me admirei com a quantidade de milho crioulo, a um tempo atrás não existia mas agora estamos resgatando para recuperar as sementes crioulas.

Sérgio: Quantos agricultores estão produzindo a semente crioula?

Júlio: Nós temos a Associação ASSO que possui uns 20 agricultores, existem também outras pessoas por fora que também se interessaram e não são da associação.

Sérgio: Há alguma previsão para o ano que vem de sacas de milho crioulo?

Júlio: O técnico fez um contrato este ano de 15 mil quilos de sementes Crioulas. Hoje nós ganhamos 2 reais por quilo.

Entrevista 6 – Karla

Nome: Karla lima

Idade: 44 anos

Local: Bairro Coqueiros – Belo Horizonte

Data: 06 de setembro de 2017

Profissão: Agricultora

Sérgio: A senhora participa do CEVAE há quanto tempo?

Karla: Eu comecei a plantar aqui no CEVAE faz uns 8 anos, o meu pai também era agricultor, por isso, dedico minha vida à agricultura familiar. Cultivo principalmente a palha roxa, uma variedade de grão que está em extinção.

Sérgio: Por que a senhora acha que a produção agroecológica ainda não é tão popular?

Karla: Infelizmente muitos agricultores ainda são dependentes de insumos químicos. Aos poucos a forma de produção agroecológica pode se popularizar com incentivos do governo.

Sérgio: E hoje por que a senhora participa da agroecologia?

Karla: Eu acredito que é mais vantajoso plantar alimentos agroecológicos porque são mais resistentes, são melhores para a saúde.

Sérgio: E a senhora planta vegetais híbridos também?

Karla: Estes últimos dois anos eu plantei híbrido, mas foi tudo uma questão de eu não ter ficado na propriedade cuidando.

Sérgio: Quais são as diferenças do solo?

Karla: Na produção convencional adiciona-se ureia, e esse nosso aqui nós cultivamos o solo e ele não precisa estar tão limpo, não exige muita mão de obra.

Sérgio: Você produz suas próprias sementes em casa?

Karla: Não. Antes eu produzia, agora costumo compra-las.

Sérgio: Como você faz pra produzir a semente?

Karla: Primeiro faço o cruzamento na sauna. Depois escolho qual é o mais bonito e graúdo que não tem doença. Depois descasco, coloco para secar e armazeno dentro de litros bem fechados.

Sérgio: A senhora aprendeu esta técnica com quem?

Karla: Nós aprendemos fazer a seleção do milho na CPT [Comissão Pastoral da Terra].

Sérgio: Na sua opinião, quais são as vantagens de se plantar produtos agroecológicos?

Karla: Uma das vantagens é a independência, não é necessário ficar se preocupando em ficar pegando por fora. Outra vantagem é que você tem mais amor em plantar, tem mais valor nutritivo, e também porque eu, ... nós estamos preservando a natureza.

Entrevista 7 - Sara

Nome: Sara Ferreira

Idade: 36 anos

Local: Bairro Coqueiros – Belo Horizonte

Data: 06 de setembro de 2017

Profissão: Agricultora

Sérgio: Há quanto tempo você participa do CEVAE?

Sara Ferreira: Participo do CEVAE desde 1998 ...

Sérgio: Antes disso a sua família ou alguém que você conhecia trabalhava com agricultura familiar?

Sara Ferreira: Sim. Meus avós, em Jaboticatubas, e o meu pai já conhecia os CEVAEs em Belo Horizonte.

Sérgio: Seus avós seguem qual tipo de agricultura?

Sara Ferreira: Meus avós passaram por uma fase de transição. Na década de 70 a EPAGRI passou a prestar um serviço aos agricultores chamado de assistência técnica que veio incentivar os agricultores a se industrializarem, buscar mais “produtividade”, aí veio o “pacote verde”, depois à “era do secante”. Aí mais por esse motivo que os agricultores passaram a deixar de lado a produção orgânica, porque começou a chamada modernidade, não era mais respeitado quem plantasse alimentos de forma natural e tradicional, porque eles colocavam isso pra nós, que deveria ser tudo modernizado...

Sérgio: E hoje continua essa discriminação? Como é visto hoje o agricultor que planta de forma tradicional?

Sara Ferreira: É lógico que quem está do lado das multinacionais, quem apóia essa política neoliberal se contrapõe, mas eles também utilizam os agricultores para ser o para-choque deles. Temos sentido que precisamos levar a agricultura familiar pra outros rumos, e eu apoio a produção agroecológica nas grandes propriedades. Eu acredito que é possível, com a mesma produtividade e redução de gastos.

Sérgio: Como a produção agroecológica familiar pode contribuir para o desenvolvimento da pequena propriedade?

Sara Ferreira: Bom, Em muitos aspectos. Há como o pequeno agricultor sobreviver só da produção agroecológica. Nós podemos produzir com a mesma quantidade sem utilizar tecnologia e sem muito investimento. Na produção convencional, todo o lucro fica para as multinacionais, as empresas de sementes e adubo, essa é a diferença.

Sérgio: Como você faz para produzir os alimentos desde o plantio, até a colheita e a preparação?

Sara Ferreira: Isso tudo não tem muito segredo, inclusive existem muitas técnicas, como por exemplo, escolher as melhores sementes...

Sérgio: Onde se escolhe as melhores sementes?

Sara Ferreira: Elas são escolhidas na própria lavoura, quando elas estão em fase de maturação existem algumas técnicas que devem ser respeitadas, se segui-las, você sempre vai ter sementes de boa qualidade e nunca perderá a produção. Há também outras técnicas que são possíveis para fazer outras qualidades, para ser resistentes a nossa região ao nosso clima...

Sérgio: Então na verdade você melhora as sementes de um ano para outro?

Sara Ferreira: Sim sem dúvida, faço o melhoramento genético da semente, mas também, a resistência da semente aumenta.

Sérgio: Sabemos que o híbrido se plantar uma vez na outra não se aproveita mais. Por que as sementes crioulas são plantadas todos os anos e sempre produzem igual ou até mais?

Sara Ferreira: As sementes crioulas são milenares, são sementes que vem se adaptando a nossa realidade ao nosso clima, por isso nunca vão perder a sua

qualidade. As sementes híbridas por sua vez, são feitas em laboratório, não se adaptam a região e ao clima pois não tem nada a ver com a natureza.

Sérgio: E quanto à industrialização, a produção e a comercialização? Como é que está funcionando isso aqui em Belo Horizonte?

Sara Ferreira: Nós temos ainda algumas experiências pequenas, mas temos alguns projetos para melhorar nossas vendas e com isso sustentar a agricultura familiar.

Entrevista 8 – Fernanda

Nome: Fernanda Lúcia

Idade: 50 anos

Local: Bairro Coqueiros – Belo Horizonte

Data: 08 de setembro de 2017

Profissão: Agricultora

Sérgio: Como vocês fazem para produzir produtos totalmente orgânicos aqui no CEVAE?

Fernanda Lúcia: Plantamos e depois fazemos a referência, colhemos no tempo certo e classificamos as sementes.

Sérgio: Vocês os classificam na lavoura mesmo como é este processo?

Fernanda Lúcia: Trazemos para casa, deixamos o vegetal secando na sombra e depois classificamos em uma máquina em que classifica as sementes...

Sérgio: E como você debulha o milho? É com a mão? Com uma máquina? Como é esse processo?

Fernanda Lúcia: O nosso processo é a mão.

Sérgio: E debulhar a espiga inteira?

Fernanda Lúcia: Nós debulhamos toda ela e algumas nós tiramos a ponta e atrás só deixamos o meio.

Sérgio: Por que tirar só a pontinha e atrás da espiga?

Fernanda Lúcia: Para enterrar a semente.

Sérgio: E você estava me contando sobre pipoca. Como você faz com a plantação da pipoca?

Fernanda Lúcia: A pipoca foi trazida por um grupo de agricultores em uma entrevista sobre sementes crioulas. Aí eu gostei da ideia e resolvi também experimentar, nós preparamos a terra e a plantamos em grupo, é o mesmo processo do milho crioulo...

Sérgio: Então você produziu semente de pipoca, e essa semente é produzida todo ano? Ela melhora com o tempo? Como é que funciona?

Fernanda Lúcia: Nós vamos melhorando-a com o tempo, e sempre tirando os espinhos para colher a semente.

Sérgio: O que melhora na semente de pipoca?

Fernanda Lúcia: Nós aumentamos e tratamos os grãos...

Sérgio: E isso é importante o aumento do grão?

Fernanda Lúcia: Para dar a pipoca maior.

Sérgio: E sobre o milho, vocês produzem o milho para comercializar ou para uso da propriedade?

Fernanda Lúcia: Só para tratar a nossa criação.

Sérgio: E a semente? Também é toda produzida aqui?

Fernanda Lúcia: Este ano foi tudo comprado, por que perdemos todas as sementes que nós tínhamos porque estragaram, mas ela não é inferior. Se a semente for menor, nós colocamos na regulagem da máquina para ela ficar maior.

Sérgio: Qual é o critério de classificação das espigas?

Fernanda Lúcia: O que se classifica, por exemplo, 300 espigas de milho e talvez umas 70 não vão germinar. Verificamos também se elas têm carreiro limpo e tem um formato bom.

Entrevista 9 – Letícia

Nome: Letícia santos

Idade: 52 anos

Local: Bairro Coqueiros – Belo Horizonte

Data: 09 de setembro de 2017

Profissão: Agricultora

Sérgio: Você começou a participar do CEVAE desde que ano?

Letícia santos: Comecei em 1998, sou de família humilde da região metropolitana de Belo Horizonte. Meus pais também eram agricultores, por isso trabalho com agricultura familiar desde pequena trabalho. Planto hortaliças e cultivo alimentos agroecológicos para complementar minha renda e minha alimentação.

Sérgio: Quais variedades de hortaliças que você planta ?

Letícia santos: Planto milho, feijão, grão de bico ,alface, rúcula, além de algumas frutas.

Sérgio: Sua produção dá para sustentar toda a família?

Letícia santos: Toda não, mas consigo complementar a renda e também complementar a alimentação da minha família. Sem o cultivo aqui no centro de vivência agroecológica estaria passando dificuldades.

Sérgio: Você acha que agroecologia contribui para sustentabilidade?

Letícia santos: Com certeza, os alimentos hortaliças e frutas plantados aqui são 100% naturais. São mais resistentes, mais saudáveis, tem mais qualidade. Além disso a terra não sofre os impactos que sofreria com os adubos químicos, e além do mais, o modo de produção agroecológico é mais barato e acessível.

Sérgio: Antes de entrar no CEVAE já fazia uso de agrotóxicos ou insumos químicos?

Letícia santos: Antes de entrar para o CEVAE já utilizei alguns insumos químicos. Eles eram caros e afetavam a qualidade da plantação, muitas vezes a terra ficava saturada e empobrecida, por isso, desde quando entrei para o CEVAE passei a utilizar apenas insumos orgânicos.

Sérgio: Já fez algum curso de capacitação para ser agricultora?

Letícia santos: Não, todas as técnicas de cultivo que aprendi foram com a minha família, por isso entrei para o centro de vivência agroecológica para poder continuar com a produção familiar orgânica.

Sérgio: Quais são as principais dificuldades para cultivar os alimentos aqui no CEVAE?

Letícia santos: As principais dificuldades são a falta de incentivo de órgãos públicos e a inexistência de cooperativas de agricultores para conseguirmos competir com a agricultura convencional.

Sérgio: Estamos encerrando agora entrevista, alguma observação?

Letícia santos: Gostaria de pedir para as pessoas procurarem sempre a procedência dos produtos, consumirem só produtos de origem agroecológica para poder incentivar e manter a produção orgânica familiar para conseguirmos competir e aos poucos acabar com agricultura convencional.

Entrevista 10 – Laura

Nome: Laura Gonçalves

Idade: 37 anos

Local: Bairro Coqueiros – Belo Horizonte

Data: 10 de setembro de 2017

Profissão: Agricultora

Sérgio: A senhora trabalha com agricultura a quantos anos?

Laura Gonçalves: Trabalho com agricultura a cerca de 38 anos, desde quando era e criança morava com meus pais. Meus filhos também são agricultores todos eles trabalham com agricultura.

Sérgio: Seus filhos são todos Agricultores ou tem alguma outra profissão?

Laura Gonçalves: Tenho um filho que é servente de pedreiro e o outro trabalha em um sindicato.

Sérgio: A senhora planta há muito tempo aqui no CEVAE?

Laura Gonçalves: Sim, fazem já 15 anos que planto aqui no CEVAE.

Sérgio: A senhora já fez uso de algum insumo químico?

Laura Gonçalves: Não, nunca fiz uso de insumos químicos. Toda a técnica de plantação que uso foi apreendida de forma tradicional com meus pais e com a minha família.

Sérgio: E a senhora planta que tipo de vegetais?

Laura Gonçalves: Planto de tudo . Uma variedade enorme de vegetais e hortaliças.

Sérgio: E a senhora consegue obter todo seu sustento apenas com a plantação no CEVAE?

Laura Gonçalves: Não, minha produção no CEVAE é apenas um complemento para minha renda e alimentação, porém tudo aquilo que cultivo aqui me ajuda bastante.

Sérgio: A senhora trabalha com outras atividades?

Laura Gonçalves: Sim, trabalho como dona de casa e às vezes faço trabalhos temporários para conseguir um complemento na renda.

Sérgio: A senhora acha que a agroecologia contribui para uma produção mais sustentável de alimentos?

Laura Gonçalves: Com certeza. Acho que devemos incentivar a agricultura familiar e a agroecologia, porque além de garantirem renda para famílias mais pobres são métodos de cultivo menos degradantes e mais saudáveis.

Entrevista 11 – Yara

Nome: Yara Aparecida

Idade: 52 anos

Local: Bairro Coqueiros – Belo Horizonte

Data: 10 de setembro de 2017

Profissão: Agricultora

Sérgio: A senhora está no CEVAE desde que ano?

Yara Aparecida: Comecei aqui em 1999

Sérgio: E antes disso a senhora já trabalhava com agricultura?

Yara Aparecida: Sim, antes eu trabalhava com agricultura. Tinha uma horta em casa onde plantava algumas frutas e vegetais.

Sérgio: A senhora fazia uso de algum insumo químico antes de entrar para o CEVAE?

Yara Aparecida: Não. Sempre fiz uso de insumos totalmente orgânicos. Nunca tive dinheiro para comprar tecnologias de cultivo.

Sérgio: E o que a senhora planta agora no CEVAE?

Yara Aparecida: Planto cebolinha, salsa, alface e chicória também.

Sérgio: Como a senhora faz para Adubar a terra?

Yara Aparecida: Coloco um saco de esterco e uso uma substância para tirar a acidez da terra.

Sérgio: E o seu modo de cultivo tem dado resultados positivos?

Yara Aparecida: Sim, com certeza. O modo de cultivo orgânico e agroecológico é mais sustentável e mais barato.

Sérgio: Mais algum membro da sua família trabalha com agricultura familiar?

Yara Aparecida: Meus pais trabalhavam, porém as novas gerações já não trabalham mais.

Sérgio: A senhora acha que as técnicas tradicionais de cultivo estão desaparecendo?

Yara Aparecida: Talvez estejam. Por isso incentivar a agroecologia é extremamente importante para que as formas tradicionais de cultivo continuem vivas e sejam passadas de geração a geração.

Entrevista 12 – Luiz**Nome:** Luiz Alberto**Idade:** 46 anos**Local:** Bairro Coqueiros – Belo Horizonte**Data:** 10 de setembro de 2017**Profissão:** Agricultor**Sérgio:** Há quanto tempo o Senhor trabalha com plantação de hortaliças?

Luiz Alberto: Se não me falha a memória faz uns 18 ou 19 anos que iniciei o cultivo de hortaliças após o curso que fiz realizado pela prefeitura. Abracei a produção agroecológica como forma de plantar alimentos de forma mais saudável, mais barata e ecologicamente viável.

Sérgio: A produção agroecológica é mais ou menos produtiva que a agricultura convencional?

Luiz Alberto: A agricultura convencional não é viável para os pequenos Agricultores porque exige muitos investimentos. A agroecologia é mais acessível, dá mais resultado e é mais barata.

Sérgio: E o senhor está satisfeito com a produtividade da sua produção?

Luiz Alberto: Apesar de faltar incentivos, creio que o modo de produção agroecológica tem me ajudado bastante e creio que posso ampliar a produtividade a partir de maiores incentivos.

Sérgio: E antes de entrar para o CEVAE o senhor fazia uso de algum insumo químico?

Luiz Alberto: Não. Sempre procurei utilizar insumo orgânicos e ter o modo de produção mais barato saudável e viável.

Sérgio: Mais alguém da sua família trabalha com agricultura? Seus pais também eram agricultores?

Luiz Alberto: Sim, meus pais eram agricultores, eram pessoas humildes da roça. Nasci em Sabará, trabalhei vários anos na roça e desde criança aprendi muito a cultivar a terra de forma tradicional. Tenho várias memórias da minha infância no sítio dos meus pais.

Sérgio: E o senhor acredita que as gerações mais novas estão perdendo o contato com a terra?

Luiz Alberto: Acredito que sim. Meus filhos, por exemplo, já não tem mais a cultura de plantar e cultivar a terra como nós tínhamos no passado. Acho que está se perdendo as formas tradicionais de agricultura, por isso penso que deveríamos fazer programas de incentivo à agricultura familiar e à agroecologia.

Sérgio: Quais são os principais entraves para o desenvolvimento da agroecologia?

Luiz Alberto: As principais dificuldades são a falta de incentivos públicos e a falta de cooperativas de pequenos agricultores para conseguirmos competir com agricultura convencional. É uma disputa muitas vezes desigual porque há muitos incentivos do governo para agricultura convencional e poucos incentivos para a agricultura familiar e a agroecologia.

Entrevista 13 – Rafael

Nome: Rafael Santos

Idade: 32 anos

Local: Bairro Coqueiros – Belo Horizonte

Data: 11 de setembro de 2017

Profissão: Agricultor

Sérgio: Qual o seu nome?

Rafael Santos: Meu nome é Wesley Oliveira.

Sérgio: Quantos anos você tem?

Rafael Santos: Tenho 33 anos.

Sérgio: E você é agricultor há quanto tempo?

Rafael Santos: Sou agricultor há 16 anos.

Sérgio: E por que resolveu virar agricultor?

Rafael Santos: Resolvi ser agricultor para ter aumento da renda e poder ajudar minha família com o sustento.

Sérgio: Você acha que é muito difícil trabalhar com agricultura familiar no Brasil?

Rafael Santos: Com certeza é muito difícil. Temos muitas dificuldades devido à falta de incentivo e o maior investimento vai para a agricultura convencional em detrimento da Agricultura Familiar. Muitas vezes faltam meios e formas de se conseguir trabalhar com a agricultura familiar, mas tenho muito orgulho de trabalhar com agricultora porque toda minha família trabalhou na terra então é uma forma de levar adiante as tradições de minha família.

Sérgio: Você já chegou a fazer o uso de insumos químicos ou agrotóxicos?

Rafael Santos: Não, nunca cheguei a fazer uso de insumos químicos, nunca tive dinheiro para comprar. Por isso optei pela agroecologia por ser o meio mais barato e acessível de produção.

Sérgio: Você planta o quê?

Rafael Santos: Vários tipos de hortaliças. Também planto algumas frutas como acerola jabuticaba e Romã. Atualmente concentro-me mais na produção de alface rúcula e grão de bico.

Sérgio: Os alimentos cultivados são para venda ou consumo próprio?

Rafael Santos: A maior parte são para venda. Uso a produção como forma de complemento de renda.

Sérgio: Você gostaria de passar os seus conhecimentos de agricultura para seus filhos?

Rafael Santos: Com certeza, porém acho difícil pela falta de incentivos que os agricultores possuem. Meus filhos provavelmente podem não mais trabalhar com agricultura .

Entrevista 14 – Margarida

Nome: Margarida Fernandes

Idade: 30 anos

Local: Bairro Coqueiros – Belo Horizonte

Data: 12 de setembro de 2017

Profissão: Agricultora

Sérgio: A senhora trabalha com agroecologia desde que ano?

Margarida Fernandes: Trabalho desde 1997. Comecei a cultivar vegetais e frutas no sítio de minha mãe.

Sérgio: Está no CEVAE desde quando?

Margarida Fernandes: Comecei o trabalho aqui no CEVAE em 2005 quando mudei para Belo Horizonte para trabalhar como comerciante. Nesse período surgiu a possibilidade de trabalhar com agricultura aqui no CEVAE.

Sérgio: E como era sua produção agrícola antes de entrar para o CEVAE?

Margarida Fernandes: Minha produção era baseada na agricultura familiar no sítio de minha família. Eu minha mãe e minha irmã plantávamos hortaliças e frutas como jabuticaba e acerola.

Sérgio: E você já fez uso de algum tipo de insumo químico?

Margarida Fernandes: Sim, já fiz. Minha mãe usava pesticidas para matar pragas que invadiam a plantação. Também usavam produtos químicos para corrigir a acidez do solo

Sérgio: Qual modo de produção na sua opinião é mais sustentável e acessível? A produção convencional ou a produção orgânica agroecológica?

Margarida Fernandes: Com certeza a produção orgânica agroecológica é mais barata e acessível. Agora sem produtos químicos os alimentos são mais saudáveis, são melhores. Além disso, o solo não sofre com as agressões causadas por insumos químicos.

Sérgio: A sua produção de hortaliças e vegetais é suficiente para sustentá-la?

Margarida Fernandes: Não é suficiente para me sustentar, mas posso usar o excedente para venda. No entanto eu e minha família consumimos grande parte do que é produzido.

Sérgio: Gostaria que seus filhos levassem adiante a agricultura familiar?

Margarida Fernandes: Sim, desejo, mas acho muito difícil porque os recursos são muito escassos, não há investimentos e incentivos suficientes. Muitas vezes acho melhor meus filhos estudarem e seguirem outros caminhos. Porém acho que talvez eles possam cultivar alguns alimentos para levar adiante as técnicas agrícolas que eu e minha família aprendemos.

Sérgio: Sua família toda é formada por agricultores tradicionais?

Margarida Fernandes: Meus pais eram agricultores familiares tradicionais, usavam técnicas tradicionais de cultivo. Aprendi com eles as técnicas porém acho que está cada vez mais difícil transmitir conhecimento de geração a geração devido ao baixo incentivo e a dificuldade de trabalhar com agricultura.

Sérgio: E acredita que o CEVAE contribui para incentivar a agricultura familiar e a agroecologia?

Margarida Fernandes: Sim, com certeza. O CEVAE tem me ajudado bastante com a produção agrícola. Acho que o projeto deveria ser ampliado, deveria receber mais incentivos do governo e das ONGs.

Entrevista 15 – Marcos

Nome: Marcos Silva

Idade: 62 anos

Local: Bairro Coqueiros – Belo Horizonte

Data: 13 de setembro de 2017

Profissão: Agricultor

Sérgio: Conte um pouco sobre sua trajetória antes de entrar para o CEVAE.

Marcos: Sou de família tradicional do interior de Minas, nasci na cidade de Jaboticatubas. Meus pais sempre trabalharam na roça, cresci no sítio de minha família onde eu e meus irmãos ajudávamos meus pais com o cultivo de frutas e legumes. Éramos uma família muito humilde, meus pais não tinham estudos e sobreviviam apenas da agricultura familiar. Eu e meus irmãos herdamos os terrenos de minha família e continuamos com a produção agrícola. No ano de 1998 me mudei

para Belo Horizonte para acompanhar meus filhos que vinham estudar e a partir daí conheci o CEVAE aqui no bairro Coqueiros.

Sérgio: E como era o modo de produção? Usava agrotóxicos e insumos químicos?

Marcos: Já cheguei a usar alguns insumos químicos como pesticidas e DDT, mas atualmente não uso mais, mudei muito a forma de produção depois que conheci a agroecologia. Agora produzo de forma mais sustentável e mais natural possível. Também passei a diversificar mais minha produção, agora cultivo diversos tipos de legumes, hortaliças e frutas.

Sérgio: Quais tipos de legumes, frutas e hortaliças o senhor cultiva?

Marcos: Cultivo vários tipos de legumes como alface, beterraba, cenoura, vagem e quiabo. Também cultivo frutas como acerola, banana, uva, mamão e goiaba. Planto também cebolinha, salsa, ora-pro-nóbis e rúcula.

Sérgio: Seus filhos têm algum envolvimento com agricultura familiar?

Marcos: Meus filhos foram ensinados a cultivar certos tipos de alimentos, mas preferiram seguir outros caminhos, preferiram estudar fazer faculdade. Tenho um filho enfermeiro um filho técnico em mineração e uma filha nutricionista.

Sérgio: E o senhor acha que o conhecimento agrícola tradicional vai se perdendo ao longo das Gerações?

Marcos: Acredito que as novas gerações se interessam menos pela agricultura devido ao fato de quererem se modernizar e copiar o estilo de vida Urbano.

Sérgio: E o senhor acredita que o trabalho no CEVAE vem dando resultados positivos?

Marcos: Com certeza, apesar de faltarem alguns incentivos da prefeitura o CEVAE vem contribuindo bastante para incentivar a produção agroecológica. Acho que o programa deveria ser ampliado e receber mais investimentos.

Entrevista 16 – Luciana**Nome:** Luciana Tavares**Idade:** 45 anos**Local:** Bairro Coqueiros – Belo Horizonte**Data:** 15 de setembro de 2017**Profissão:** Agricultora**Sérgio:** Como foi sua trajetória antes de chegar ao CEVAE?

Luciana Tavares: Antes de chegar ao CEVAE, trabalhava e morava no assentamento do MST no sul de Minas. Nasci na Cidade de Monte Verde no Sul de Minas Gerais, minha família também sempre teve envolvimento com agricultura. O problema o problema é que desde a década de 90 Não conseguia mais me sustentar apenas com o que produzia através da agricultura por isso tive que vir para Belo Horizonte para trabalhar como comerciante. Atualmente trabalho e nas horas vagas venho para o CEVAE para cultivar minha horta.

Sérgio: Sua família sempre sobreviveu da agricultura Familiar?

Luciana Tavares: Meus pais sempre trabalharam com agricultura familiar, porém não conseguiam garantir todo o sustento através dela. Por isso minha família tinha um armazém onde revendíamos produtos produzidos na roça.

Sérgio: Como era sua produção agrícola antes de entrar para o CEVAE?

Luciana Tavares: Produzia de forma totalmente orgânica e natural, não usava nenhum tipo de insumo químico nem tecnologia, utilizava apenas as técnicas que aprendi com a minha família e com os agricultores que convivi durante o período do assentamento.

Sérgio: Que técnicas eram essas?

Luciana Tavares: Eram técnicas de gotejamento, irrigação, adubação do solo e técnicas de plantio baseadas no conhecimento tradicional. Todos os insumos usados eram 100% orgânicos, também utilizávamos muito a compostagem.

Sérgio: E que tipo de alimentos eram produzidos?

Luciana Tavares: Produzia vários tipos de frutas, vegetais e hortaliças, também criava animais como porcos e aves. No entanto, durante a década de 1990 minha produção já não estava sendo suficiente para me manter, por isso me mudei para Belo Horizonte para abrir um pequeno comércio de produtos que meus amigos do assentamento produzem.

Sérgio: A senhora tem filhos?

Luciana Tavares: Tenho um filho que está com 23 anos.

Sérgio: Seu filho tem algum envolvimento com a agricultura?

Luciana Tavares: Sim, ele sabe plantar vários tipos de legumes e vegetais, ele se interessa muito pelas técnicas de agricultura familiar e até pensou em fazer o curso de agroecologia.

Sérgio: Que bom fico feliz que seu filho tenha se interessado por essa área.

Luciana Tavares: Sim, ele cresceu nos assentamentos e sempre conviveu com muitos agricultores, daí veio o interesse pela agricultura.

Sérgio: A senhora gostaria que seu filho se tornasse um agricultor?

Luciana Tavares: Sim, seria legal, mas prefiro que ele estude e faça um curso nesta área. Queria muito que ele fizesse o curso de agroecologia ou agronomia para poder me ajudar.

Sérgio: A senhora acredita que o CEVAE vem contribuindo para a promoção da agroecologia?

Luciana Tavares: Sim, vem contribuindo bastante. Desde que conheci o CEVAE Coqueiros gostei muito do lugar e das pessoas, por isso estou aqui há mais de 15 anos. Penso que o programa deveria se expandir e receber mais atenção.

Entrevista 17 – Mariana Oliveira

Nome: Mariana Oliveira

Idade: 33 anos

Local: Bairro Coqueiros – Belo Horizonte

Data: 18 de setembro de 2017

Profissão: Agricultora e técnica agrícola

Sérgio: Conte-nos sobre sua experiência até chegar ao CEVAE.

Mariana Oliveira: Sou técnica agrícola, fiz o curso técnico no ano de 2005 e de lá pra cá tenho tentado achar algum lugar onde possa colocar em prática o que aprendi. Em 2009 conheci o CEVAE Coqueiros e estou aqui há mais de sete anos.

Sérgio: Alguém da sua família trabalha com agricultura?

Mariana Oliveira: Não. Meus pais trabalham com outras atividades, fiz o curso técnico de agricultura porque me interessei pela área.

Sérgio: Já chegou a trabalhar em outros locais?

Mariana Oliveira: Sim, já trabalhei com agricultores na cidade de Virgem na Lapa no norte de Minas. Morei lá durante três anos. Também já trabalhei com pequenos agricultores na cidade de Rio Acima.

Sérgio: Você é a favor ou contra o uso de insumos químicos?

Mariana Oliveira: Eu particularmente sou contra porque causam degradação e fazem mal para a saúde, por isso gostei muito no modo de produção aqui no CEVAE pois é o modo de produção totalmente orgânico e natural.

Sérgio: Gostaria que seus filhos seguissem o caminho da agricultura?

Mariana Oliveira: Sim, gostaria. Quando tiver filhos vou ensiná-los técnicas de plantio e cultivo, quero que toda minha família saiba cultivar algum tipo de planta.

Sérgio: Como avalia o CEVAE Coqueiros em relação a implementação da agroecologia na cidade de Belo Horizonte?

Mariana Oliveira: Penso que os CEVAES contribuem bastante para promover a agroecologia na cidade de Belo Horizonte, no entanto faltam incentivos da prefeitura e uma parceria mais eficiente com as ONGs. Precisa-se também atrair mais agricultores familiares e técnicos agrícolas para participarem do programa.